

Maria Emmir O. Nogueira

Mãe da nossa Fé

Edições
SHALOM

Inclui duas pregações de Moysés Louro de Azevedo Filho

Direção Geral

João Edson Oliveira Queiroz

Coordenação Editorial

Carol de Castro

Revisão

Eunice dos Santos Sousa Silvestre

Diagramação

Vivianne Alves

Capa

Leonardo Biondo

**Edições Shalom**

Estrada de Aquiraz - Lagoa do Junco | Aquiraz/CE

CEP: 61.170-000 - (85) 3308.7402 | 3308.7403

www.livrariashalom.org/ - comercialedicoes@comshalom.org

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

1º Edição: 2020

© EDIÇÕES SHALOM, Aquiraz, Brasil, 2020.

Epígrafe

Mãe querida,

Maria, Shalom! No limiar do novo tempo que se inicia para nós, queremos renovar nossa entrega incondicional a Jesus, por tuas mãos imaculadas.

A ti, Esposa do Espírito, queremos nos apegar cada vez mais profunda e verdadeiramente. Sob tua proteção colocamos nossa vida de contemplação, que é, como nos disse hoje nosso amado Papa, dom precioso do Espírito Santo.

A ti, Porta do Céu, Mãe bendita do Verbo Encarnado, confiamos nossa unidade, reflexo da vida da Trindade em nós.

A ti, Rainha da Paz, consagramos nosso empenho missionário. Alegres, dispostos e sedentos por anunciar o teu Filho Jesus, o Príncipe da Paz, o Ressuscitado que passou pela cruz, única e verdadeira paz para o mundo e para os corações.

Dá-nos, Mãe querida, o teu coração, para que inflamados de amor, nos entreguemos a Deus e consumamos nossas vidas pela Igreja, pelos jovens, pelos homens.

Mãe da Visitação, visita conosco todos os povos, línguas, credos e nações. Ensina-nos que esta Vocação é de todos e para todos. Traz contigo o teu Jesus. Extingue o sofrimento dos que esperam a nossa manifestação como filhos de Deus, e, transforma o gemido dos que não conhecem o teu Filho em doce canto de amor que repete: Maria, Shalom! Maria, Shalom! Amém.

**Oração feita por Maria Emmir O. Nogueira,
consagrando a Comunidade Shalom a Maria. Roma, 2012.**

Introdução

São Luis Grignon de Montfort diz que Maria, em sua profunda humildade, pediu ao Pai que a escondesse totalmente dos homens e dela própria para fazê-la conhecida somente dele. Impressionante tal pedido secreto, tão prontamente acolhido pelo Criador! Entre várias outras razões, penso que é esse um dos motivos pelos quais me parece ser uma das grandes alegrias do Espírito Santo suscitar em nós o amor por Maria, a Mãe de Deus e nossa.

Tal amor, na verdade, não vem de um conhecimento intelectual, mas experiencial. Não vem de deduções complicadas, mas da simplicidade da fé. Conhecida, totalmente, ela jamais será, pois o Senhor tem atendido seu pedido através dos séculos. Já amada... Bem, amada é outra coisa! Ele não prometeu a Maria que não seria amada. Ele próprio a ama de forma única como Pai, Filho e Espírito. Cada uma das pessoas da Trindade encontrou nela o “sim” único, constante, vital e eterno como só ela deu e a ama com afeto e ternura típicos dos que se unem em uma só vontade.

Suscitar e aprofundar esse amor são o objetivo dessa coletânea de artigos e palestras ao longo da existência da Comunidade Católica Shalom. Sua compilação só foi possível graças ao esforço de Amanda Cividini, Irlanda Aguiar, Aislucy Soares e Carolina Fernandes, a quem agradeço de coração.

Nos artigos e palestras aqui reunidos, partilho minha experiência de vida e fruto de minha oração e meditação sobre a Mãe de Deus, da Igreja e da Vocação Shalom. Como é natural, os artigos e palestras compilados em 20 anos denotam o gradual amadurecimento da linguagem, da fé e da experiência de Deus, o que certamente faz deste livro um tesouro em que está depositada a riqueza histórica da vocação acerca da Mãe de Deus.

A coletânea é testemunho de que o Ventre Imaculado de Maria é o local por excelência em que nosso ser inteiro é gerado para a santidade, aos cuidados de seu coração materno, cheio de zelo e desejo de que todos os seus filhos estejam com ela no Céu.

O título, *Mãe da nossa fé*, foi retirado de meu testemunho e pareceu-me apropriado para o Ano da Fé promulgado por Bento XVI. Sem a Bendita Mãe da nossa fé não haveria como vivê-la com o entusiasmo, amor e radicalidade que o mundo de hoje busca em nós, que anunciamos e testemunhamos Cristo Ressuscitado.

Maria Emmir O. Nogueira



Parte I

“Quero confiar à Mãe de Deus também este especial tempo de graça para a Igreja, que se abre diante de nós. Vós, Mãe do "sim", que escutastes Jesus, falai-nos dele, contai-nos sobre vossa estrada para segui-lo no caminho da fé, ajudai-nos a anunciá-lo para que cada homem possa acolhê-lo e se tornar morada de Deus. Amém!”

Trecho de homilia de Bento XVI pronunciada durante missa em honra à Virgem Maria de Loreto, em 04 de outubro de 2012.

MARIA, A FÉ E O ESPÍRITO SANTO¹

Existem três momentos fortes da presença do Espírito Santo na vida de Maria: a Encarnação; o Mistério Pascal, quando Nossa Senhora, de pé diante da cruz com Jesus, viu Seu peito transpassado vertendo água e sangue; e o momento de Pentecostes, o grande derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja.

Nesses três episódios constitutivos do mistério de Cristo e da Igreja, juntamente com Maria, o Espírito Santo está presente, o que nos indica a comunhão entre Maria, a Igreja e o Espírito Santo.

É o Espírito Santo quem nos ajuda a conhecer e imitar a Virgem Maria como modelo perfeito de fé. Na Encarnação, o Espírito Santo cobre Maria e fecunda Jesus em seu seio. Da mesma forma, deseja fecundar a nossa vida, nosso interior, nosso coração, nossos atos, nossa oração, todo o nosso ser para que possamos dar luz a Cristo na nossa vida e no mundo.

É o Espírito Santo quem nos ajuda a conhecer e imitar a Virgem Maria como modelo perfeito de fé. Na Encarnação, o Espírito Santo cobre Maria e fecunda Jesus em seu seio. Da mesma forma, deseja fecundar a nossa vida, nosso interior, nosso coração, nossos atos, nossa oração, todo o nosso ser para que possamos dar luz a Cristo na nossa vida e no mundo.

Embora historicamente ocorra após a realização da Salvação, em nossa vida o Pentecostes não é o final, mas o começo de uma caminhada para crescer na santidade, no mistério da encarnação, da cruz, salvação e ressurreição de Jesus. Graças ao Espírito Santo tornamo-nos filhos de Deus. É graças ao Espírito Santo que nós podemos imitar a Jesus Cristo, Ele nos molda e gera Cristo em nós.

Após o Pentecostes os apóstolos assumem a dimensão apostólica e ativa da Igreja, vão às praças pregar, vão aos templos, curam aleijados, fazem sinais, prodígios, enfrentam processos, fundam comunidades, governam outras, chegam até a convocar um Concílio.

É muito interessante vermos que Maria, depois de Pentecostes, mergulha no silêncio da oração. Permanece idealmente em oração, mostrando que na Igreja a atividade pelo Reino não é tudo, servir ao Reino é muito importante, é indispensável, mas não é tudo. É importante que tenhamos na Igreja, como Maria, pessoas orantes que sustentem sua atividade, que a sustentem pela oração. Pentecostes na vida de Maria leva-a para o silêncio da oração, torna-a modelo da Igreja orante. No decorrer dos séculos, o Senhor vai chamar muitos outros para sustentar pela oração a ação apostólica da Igreja, a fim de que seja ação fecunda, eficaz e concreta. Sem a oração a obra apostólica é infecunda. Não cumpre seu objetivo e a Igreja ficaria como que amputada na edificação do Reino de Deus.

Aprendemos com Maria em Pentecostes que, como Igreja, precisamos receber o Espírito Santo antes de empreender uma missão, de nos atirar pelas estradas do mundo e realizar qualquer trabalho. Lembremo-nos de que a Igreja nascente, antes de partir em missão, parou e, junto com Maria, orou e suplicou o Espírito Santo.

É o impulso do Espírito que torna a ação da Igreja eficaz e fecunda. Quando cada um de nós sai em nome de si mesmo, sustentado por sua própria força, tomando o caminho da

evangelização e da promoção humana, esta ação está fadada ao fracasso ou à infecundidade. Antes de realizar qualquer coisa, a Igreja precisa colocar-se em oração. O Espírito Santo vem sobre Maria e sobre a Igreja através da oração. No Evangelho em que Jesus é batizado por João, vemos que é a oração de Jesus que abre o Céu e atrai o Espírito Santo. Diz o trecho das Escrituras: “Jesus foi batizado, e estando ele a orar, o Céu se abriu e o Espírito Santo veio sobre Ele” (Lc 3,21-22).

O Espírito Santo está unido a Maria como está profundamente unido à Igreja. Todos aqueles a quem Maria é enviada após a Anunciação, são também tocados e movidos pelo Espírito. Isabel diz: “Ao ouvir tua voz, o meu ventre se remexeu e o menino ficou repleto do Espírito” (Lc 1,41; 2,27). É Jesus que está no ventre de Maria que irradia o Espírito Santo a Isabel e a João Batista.

Há um vínculo pessoal e indestrutível entre Maria e o Espírito Santo: Jesus. Em Maria o Espírito Santo gerou Jesus. É impossível separar o Espírito Santo de Maria. Para mantê-los separados seria preciso dividir a natureza humana e a divina do Cristo. Assim como é impossível dividir estas duas naturezas de Jesus, assim também é impossível separar Maria e o Espírito Santo.

Foi essa a razão pela qual São Francisco de Assis começou a chamar Maria de Esposa do Espírito Santo. Jesus uniu Maria e o Espírito Santo muito mais do que qualquer filho une um pai e uma mãe. A própria existência de um filho significa que em algum momento o esposo e a esposa se uniram na carne para gerá-lo. Jesus é a testemunha de que Maria e o Espírito Santo se uniram no Espírito para gerá-lo. Uma união no Espírito é uma união eterna; a carne passa, mas o Espírito permanece. Maria e o Espírito Santo estão unidos para sempre. Ora, Maria e a Igreja estão unidas e Maria é o “Espelho da Igreja”, a ação do Espírito em Maria é similar à ação do Espírito na Igreja.

Lucas apresenta a ação do Espírito Santo como uma força carismática, uma ação de Deus que possibilita pronunciar palavras e realizar atos que estavam além das forças humanas. É a ação daquele que vem com o mesmo poder que veio sobre os juízes e os profetas. A força carismática do Espírito realiza uma obra para a edificação do Reino. Maria e a Igreja são simplesmente instrumentos desta ação, deste poder que é maior do que eles mesmos.

No Evangelho de São João, essa ação do Espírito é descrita de forma distinta, mas não oposta. É aquela que vem com o poder de santificação, que toma posse da pessoa e muda seu coração fazendo dela uma nova criatura, uma testemunha de amor, é a força da caridade de Cristo, como o profeta Ezequiel diz: “*Eu vos darei o meu Espírito e Ele vos dará um coração novo, tirará este coração de pedra e porá um coração de carne*” (Ez 37).

Essas duas dimensões da ação do Espírito são formas autênticas e salvíficas pelas quais Ele age na Igreja e deseja agir em nós como agiu em Maria. Na dimensão carismática, Maria é a Mãe de Deus e não pode existir uma expressão mais carismática do Espírito que a maternidade divina. Maria dá o próprio Cristo à Igreja, ao homem, à humanidade. É um dom gratuito. Maria o acolhe e o dá à humanidade e à Igreja. Em Maria vemos agirem juntas as duas dimensões da ação do Espírito descritas pelos evangelistas: a força carismática e a força do amor, da caridade. O mundo precisa dessas duas manifestações do poder do Espírito para reconhecer que Jesus é o enviado do Pai.

MARIA, MÃE DE DEUS, ÍCONE DA PATERNIDADE DIVINA²

A liturgia oriental oferece-nos textos belíssimos em honra e louvor a Nossa Senhora. Gostaria de citar um que nos ajuda a compreender um pouco o sentido de Maria como ícone da paternidade divina: *“Tu, Mãe de Deus, geraste o Filho sem pai. Esse Filho, que o Pai gerou sem mãe, antes que os séculos existissem”*. Isso significa que Maria, para nós, Igreja, para nós, humanidade, é reflexo da paternidade de Deus, do Pai. Ela, que nos deu Jesus, é um reflexo para nós do Pai, que gerou Jesus. Da sua maternidade divina, podemos retirar elementos sobre quem é o Pai e de como Ele nos amou.

Mas, como a Mãe de Deus, a Mãe de Jesus Cristo, nos faz descobrir melhor quem é o Pai? Em primeiro lugar, mostrando ao homem o amor do Pai.

Muitos de nós temos dificuldades de nos relacionar com Deus Pai por causa das feridas que trazemos da nossa realidade humana. Por mais maravilhoso que seja nosso pai, ele é humano, imperfeito. Por vezes, trazemos feridas e limitações advindas do nosso relacionamento com ele. O mundo também nos apresenta a ideia de Deus como um carrasco, que exerce a justiça sem a misericórdia, um Deus opressor. Maria, Mãe de Deus, manifesta-nos a verdadeira face do Pai. A Mãe de Deus manifesta que o Pai nos ama com um amor materno, um amor gratuito, generoso, visceral, das entranhas. Quis Deus fazer com que Seu Filho nascesse de uma mulher para mostrar o princípio feminino, o princípio do amor materno: generoso, visceral, gratuito.

É o Pai que nos fala, como uma mãe: *“Não é, porém, Efraim filho querido, ternamente amado por mim? Todas as vezes que falo contra ele, mais viva se torna em mim sua lembrança. E meu coração se comove ao pensar nele. Terei compaixão dele”* (Jr 31,20).

A segunda dimensão que Maria, Mãe de Deus, nos manifesta como ícone da Paternidade Divina é o amor eterno do Pai. Esse amor eterno se manifesta em Maria, encontra seu ícone na prontidão de Maria para o assentimento, para o seu “sim” e sua disponibilidade total de ser dom, de ser entrega. O “sim” que Maria deu ao plano de Deus manifesta também o “sim” dado pelo Pai a cada um de nós ao nos criar e ao enviar seu Filho Jesus.

Maria não deu ao Pai um “sim” ingênuo. Quando aceitou ser a Mãe de Deus, o seu “sim” gerou uma série de consequências na vida do mundo e da humanidade. Consequências de vida, de graça, de salvação. O “sim” de Jesus e de Maria cobriu o “não” de Adão e Eva. Maria disse “sim” na mais perfeita obediência e confiança em Deus, sem calcular os riscos que iria enfrentar.

Frei Raniero Cantalamessa fez uma bela pregação na Igreja de São Pedro falando sobre a paixão do Pai: *“A ideia de um Deus impassível, que não sofre nem se compadece, não é uma ideia bíblica e autenticamente cristã. É uma ideia dos filósofos gregos. Na Bíblia, o que se manifesta é um Deus que ama; ama tanto que sofre e se compadece com o sofrimento dos homens”*.

Esse amor do Pai, de uma maneira belíssima, pode ser contemplado no coração de Maria. Esta, aos pés da cruz, renova seu “sim” e oferta seu filho querido, único, predileto. Podemos até

imaginá-la vendo seu filho, o Salvador, o Redentor, ali, coroadado de espinhos, ofegante, entregando sua vida, seu filho único, o Filho de Deus, Deus feito homem. O sofrimento de Maria foi indescritível, como indescritível foi o sofrimento do Pai. Maria é símbolo do amor do Pai, da infinitude do amor do Pai, que aceitou passar pela entrega, pela entrega do próprio Filho em sacrifício. Maria é sinal desse amor.

Vamos ver melhor a doação do Pai na Paixão de seu Filho Jesus, manifestada pelo coração traspasado de Maria. Vejamos o milagre de Abraão e o milagre de Maria.

Primeiro, o milagre de Abraão. O sacrifício de Isaac também é sinal do amor e da entrega do Pai, mas não é um sinal completo. Sabemos que Deus deu um filho a Abraão, Isaac, como o “filho da promessa”, e, em determinado momento, pediu a Abraão que o oferecesse em sacrifício. Podemos imaginar o diálogo de Isaac com Abraão: *“Onde está o cordeiro do sacrifício, meu pai?”*. Imaginemos os olhos de Abraão sobre Isaac. Abraão sabia o que Deus tinha lhe pedido, o seu filho, mas Isaac desconhecia. E Abraão retruca: *“Deus providenciará, meu filho”*.

Podemos imaginar quantas vezes, talvez, esse diálogo tenha acontecido na jornada de ambos para o local do sacrifício: Abraão preparando a pedra do sacrifício, Isaac colocando a lenha e mais uma vez perguntando: *“Mas, onde está o cordeiro do sacrifício, meu pai?”*. E Abraão olhando o filho e sabendo do que se tratava, continuava a dizer: *“Deus providenciará, meu filho”*. O filho, perplexo, ao ter os olhos vendados, as mãos amarradas, ainda perguntando: *“Mas, onde está o cordeiro do sacrifício, meu pai?”*. E Abraão, ainda uma vez, respondendo: *“Deus providenciará, meu filho”*.

Narram as Sagradas Escrituras que, no momento em que Abraão levantou o instrumento do sacrifício, Deus interveio e disse: *“Abraão, Abraão, agora sei que tu me amas, que és fiel a mim, não poupaste nem o teu filho”*. E Deus providenciou um cordeiro para o sacrifício, poupando o filho de Abraão. Esse é o milagre de Abraão.

Quanto ao milagre de Maria, Deus não poupou o seu Filho. Deus poupou o filho de Abraão, mas não poupou o próprio Filho, o filho de Maria. O Pai não deteve o instrumento do sacrifício; a lança traspasou o coração de Jesus. A oferta do Pai e a oferta de Maria, em Jesus Cristo, foram totais, incondicionais. Maria, naquele instante, ofertava seu filho e não teve o recurso de Abraão, foi até o fim. O Pai ofertava o seu Filho, entregava, melhor dizendo, o seu Filho, em favor de todos os homens e foi até o fim! É um grande amor, infinito amor, o amor do Pai. O milagre de Maria consistiu numa fé robusta, numa caridade ardente pela vontade de Deus que, para ela, era entrega, oferta, a doação do mais belo, do mais precioso de todos os filhos dos homens, o seu filho, Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Filho do Pai. Essa oferta nasce do coração do Pai. Por isso, na cruz, ela é a imagem do coração do Pai.

Nós recebemos Jesus das mãos do Pai e das mãos de Maria. Também nós somos chamados a estar junto da cruz no lugar de João, o discípulo amado, para com Maria nos ofertar em Jesus Cristo. Nós, que recebemos Jesus, que recebemos Suas graças pelas mãos do Pai e pelas mãos de Maria; nós, que tivemos uma vida transformada pelo amor divino, experimentamos esse amor em infinitude. O poder e a graça da vida de Deus em nós, agora, também por meio da Mãe de Deus, do sinal da caridade ardente da Mãe de Deus, nos convida: *“Vem ao pé da cruz, fica ao lado da Mãe de Deus e te oferta em Cristo, em favor de muitos outros que estão lá fora, necessitados de conhecer esse amor divino, infinito”*.

Estamos entrando no novo milênio em meio a guerras, fome, drogas, incredulidade e indiferença a Deus. Não podemos ficar inertes, imóveis diante dessa realidade. O Pai olha para os homens, e o seu olhar passa pelo olhar do Santo Padre, o Papa João Paulo II. Por que o Papa

pede a Nova Evangelização? Por que o Papa pede que saíamos, que partamos para evangelizar? Porque o Papa, que é todo de Maria, sente com o coração do Pai e com o coração da Mãe. Com o Pai e a Mãe olha para o mundo – para este mundo que está ao nosso redor, que talvez penetre nossas realidades familiares, nossas ruas, nos nossos amigos – e vê este mundo ferido, marcado, doente, sofrido. O Pai sofre, o coração da Mãe sofre como imagem do sofrimento do Pai, e nos convida a ir aos pés da cruz da humanidade e ofertar-nos em Cristo Jesus, para que os outros conheçam a infinitude do amor do Pai e possam ser retirados da lama. Um dia experimentamos isso, agora é a hora de ofertar nossa vida, tempo, dores e desafios, ofertar todo o nosso ser em Cristo, pela salvação de muitos.

Qual é a sua resposta? Como fazer isso? É muito difícil. Aliás, não é difícil, é impossível, pelas nossas próprias forças, mas não pela graça de Deus. É o único caminho. O único, porque, se a semente não morrer, ficará na solidão, mas, se morrer, dará muitos frutos. Também para Maria foi difícil. É o Espírito Santo que a fortalece para ela dar o seu “sim”. Conosco deve ser a mesma coisa. É somente pedindo o Espírito Santo, buscando-o, bebendo dele – pela oração, pelos sacramentos, pela Palavra, pela vida comunitária, pelo apostolado – é só bebendo do Espírito Santo, que seremos capacitados a tornar-nos ofertas agradáveis a Deus, em favor do mundo, em favor de todos os homens.

A obediência de Maria, naquele instante, aos pés da cruz, alarga seu coração e o capacita a receber mais e mais do Espírito, capacita-a a ser Mãe de toda a humanidade, Mãe de todos os homens, Mãe da Igreja, da nova humanidade, gerada pelo Batismo. Sim! Há uma nova humanidade que Deus quer gerar neste novo milênio; precisamos acreditar nisso. Precisamos acreditar ser possível as coisas mudarem, sua vida mudar, o mundo mudar, porque Deus amou este mundo e não o amou para desprezá-lo, mas para transformá-lo. Ele nos convida a, junto com a Mãe de Deus, ícone da Paternidade Divina, nos ofertarmos, enchemo-nos do Espírito Santo e sermos com ela pais e mães deste mundo.

Maria, aos pés da cruz, é sinal da fecundidade do Pai, assumindo todos os filhos, no Filho Jesus Cristo. Nós, quando ofertamos a nossa vida nele, tornamo-nos também sinais dessa fecundidade do Pai. Gerando, pela nossa entrega, pela nossa oferta, por mais desafiante, por mais dolorosa que seja; pela nossa obediência, gerando vida no Espírito para muitos outros ao nosso redor, necessitados dessa vida.

Para encerrar, eu gostaria de citar o Padre Raniero Cantalamessa: *“O homem vale tanto quanto ama a Deus e quanto ama ao próximo. Nada mais!”*

Você quer que sua vida valha a pena? Quer dar sentido à sua existência? Quer chegar à velhice, olhar para trás e dizer: “Valeu a pena!”? Olhe para a Mãe de Deus. No ícone da Mãe de Deus ela, como ninguém, em Cristo Jesus, amou. Amou a Deus, amou ao próximo, foi imagem do amor do Pai e valeu a pena! Também, cada um de nós, se quisermos que a nossa vida valha a pena, amemos a Deus, amemos ao próximo, ofertemo-nos, entreguemo-nos, isso basta!

Parte II

“Maria é mãe e modelo da Igreja, que acolhe na fé a Palavra divina e se oferece a Deus como ‘terra fecunda’ onde Ele pode continuar a cumprir o seu mistério de salvação.”

Trecho de homilia de Bento XVI na Solenidade da Santíssima Mãe de Deus. Domingo, 1º de janeiro de 2011.

MARIA EM MINHA VIDA³

Uma das certezas mais lindas da minha vida é que Maria caminhou e caminha comigo sempre. Minha primeira lembrança de sua presença é a de uma noite de pavor e solidão em que suplicava diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição que ela não permitisse que Jesus levasse a minha mãe, gravemente enferma. Creio que tinha quatro anos, não sei.

O passo seguinte foi o colégio Virgem de Lourdes, no Rio. Lá as irmãs me ensinaram a amar Maria. Diante da gruta da capela, eu me colocava pretensiosamente junto a Bernadete, apresentando a Maria as primeiras e assustadoras ansiedades de ser migrante nordestino no sul. Era difícil ser aceita, difícil compreender toda a mudança radical que se dá com a família.

Aprendi, na verdade, a amar Maria de dor em dor. Aos temores da adaptação à nova cidade seguiram-se os sustos pela realidade financeira difícil, as pequenas doenças dos cinco irmãos mais novos, as doenças mais graves dos pais.

Aos poucos, graças a Deus, as boas e inesquecíveis irmãs que tinham a roupa igual à de Maria (e isso me impressionava muito, pois pareciam assim fazer parte dela, mas não eram tão bonitas como ela!) foram-me ensinando a pensar nos outros. “É preciso orar pelas missões”; “Você deve amar e orar por sua coleguinha excepcional”; “Devemos orar pelos sacerdotes”, ensinavam, e lá ia eu para a gruta, pedir não mais pelo que me interessava, mas, como diziam, pelo que interessava Jesus. Com as orações, ensinaram a entregar a Maria pequenas penitências nas mesmas intenções e formar um ramallete a ser ofertado no final do mês. E, junto com a penitência, lá ia o parco dinheiro do lanche para as missões na África, para os pobres, para as vocações. Naquela época, graças infinitas sejam dadas a Deus, ainda se ensinava a ser bem concreto na intercessão e participação na vida da Igreja, ainda se tinha por lema “Tudo a Jesus por Maria”.

No curso clássico (hoje Ensino Médio), mudei de colégio, e lá se foi minha gruta. Era preciso estudar tanta coisa nova: latim, filosofia, atualidades. Era preciso ler, ler mais, estudar mais, passar no vestibular. Tudo isso a ser vivido sem o referencial da Senhora da Gruta e sua Bernadete, por uma menina de quinze anos na selva da competição do Rio de Janeiro.

A gruta e sua Senhora foram se tornando imagem congelada da infância. Com ela, as dezenas de livros de santos que a irmã da livraria me “arranjava” ou, quando não tinha opção, constrangida, vendia. O mundo avançava sobre mim, impiedoso: era preciso agora, aos dezessete anos, trabalhar, ajudar na casa, tudo sem deixar os estudos.

Para culminar, veio o triste envolvimento de alguns familiares com pessoas ligadas à macumba e Rosacruz. No meio da grande confusão e sofrimento, os participantes das falsas doutrinas me odiavam e faziam de tudo para me ferir. Eu era o seu alvo, o grande impedimento para realizarem o que queriam. Hoje entendo: Maria era fiel a mim e o inimigo a detesta e, embora nosso relacionamento se resumisse em rezar o terço à noite ou enquanto andava todos os dias do Posto 4 ao 6 para a aula de inglês, ela não me abandonaria jamais.

Vestibular, faculdade, aulas obrigatórias de teologia, todo o programa de um curso de Psicologia em uma universidade católica. As aulas de teologia me falavam de Deus, mas,

infelizmente, apenas à minha mente. Só Maria me falava de Jesus diretamente ao coração. Aos dezoito anos, cumprira-se o que tentava explicar à psicóloga que fizera o meu teste vocacional – “O que me interessa é gente. Não quero nada com números. Gosto de gente” – na esperança de demovê-la das carreiras técnicas que me apresentava.

Faculdade nos dois expedientes, correria em ônibus lotados para dar aulas particulares e ajudar a família, curso de inglês concluído, não havia mais tempo para andar a pé, rezar o terço e ficar um tempo rezando na Capelinha do Forte, no Posto 6. Deus passou a resumir-se a uma oração apressada à noite e pela manhã, além da missa aos domingos. O terço passou a resumir-se a um mistério antes de dormir.

Foi somente aos 26 anos, já casada e fascinada com a nova vida matrimonial e profissional, que Maria voltou a influenciar fortemente a minha vida. Nos últimos dez anos havia me afastado um pouco do que ela me ensinara quanto ao vestir, ao portar-me, ao servir, ao silenciar e interceder. Foi preciso o médico especialista em esterilidade diagnosticar, após cinco anos de tentativas vãs, a nossa impossibilidade de ter filhos para que eu me voltasse novamente para ela.

Nosso reencontro aconteceu na noite em que meu esposo e eu voltamos da consulta conclusiva muito decepcionados com as palavras do médico: “Vocês são ainda jovens. Procurem adotar uma criança... Conheço uma clínica no Paraná... lá há crianças lourinhas como a senhora... o choque não vai ser muito grande... será como se a criança fosse de vocês...”. Estas palavras ressoavam em minha mente quando, já deitada, não conseguia dormir, nem chorar, nem rezar. De repente, em um impulso, “orei”: “Olha, Jesus, não vou mais lhe pedir para ter um filho. Você não entende nada disso. Peço agora a Nossa Senhora. Ela entende a importância de um filho. Ela sabe o que é!” Depois desta oração quase herética, virei para o lado e adormeci, muito chateada com Deus.

Um mês depois, estava no consultório do mesmo médico tentando convencê-lo de que o teste de gravidez, positivo, era real. Tive que submeter-me a um exame de toque e outro exame de laboratório, até que ele acreditasse. O primeiro filho do casal estéril nasceu no dia 8 de maio. Daí em diante, tendo maior consciência devido o ingresso no movimento de Cursinhos de Cristandade e RCC, meu esposo e eu já sabíamos a receita. Orávamos para que o Senhor nos mostrasse o momento certo de termos o próximo filho e, quando sentíamos ser esta a Sua vontade, pedíamos junto a Maria. Nossa segunda filha nasceu no dia 10 de maio, o terceiro no dia 13...de maio, naturalmente, e o quarto deveria nascer no aniversário de Nossa Senhora, dia 8 de setembro. Porém, “pedi” uma licença especial a Nossa Senhora para que ele nascesse no dia seguinte, dia de São Sérgio, nome do meu esposo e do meu Serginho. Naturalmente, as datas não foram programadas. Cada uma delas foi um sinal de Maria de que, realmente, era ela quem estava fazendo tudo.

Em 1977, fizemos o Seminário de Vida no Espírito Santo e nossa vida foi radicalmente transformada. Pessoalmente, descobri o amor de Deus e, diante dele, nunca mais poderia ser a mesma. Foi o tempo da descoberta do Pai e de Jesus, da Palavra, do valor incomparável dos sacramentos.

A caminhada do início da RCC, porém, não era fácil. A discriminação para com o movimento era espantosa, a perseguição também. Havia dificuldade em adquirirmos a Bíblia e não havia literatura acessível ao leigo iniciante ou sobre a RCC. Orientação segura era dificilmente encontrada, pois toda aquela novidade do Espírito suscitava espanto e desconfiança. O resultado é que, praticamente, só tínhamos acesso à literatura protestante e, embora nunca tivéssemos admitido em nenhuma hipótese ler livros que falassem mal da Igreja, de Nossa Senhora ou do Papa, ficou na espiritualidade de muitos a lacuna do papel de Maria.

Passei a sentir-me como que roubando de Jesus o Seu lugar ao orar a Maria ou falar dela

publicamente. Quando me dei conta do que estava acontecendo, passei a, propositadamente, falar dela o mais que podia e orar sempre com o povo a Maria. Particularmente, rezava o terço todos os dias. Algo em meu coração, porém, não era mais o mesmo com relação à Mãe de Deus. Conhecia bem a doutrina, procurava ensiná-la a todos os que tinham dúvida, rezava o terço, pedia a ajuda de Deus. Fui a Fátima, Lourdes, Medjugorje, mas o entrave continuava lá. Era como uma amizade que tivesse sido ferida. Por um lado, esta amizade antiga me fazia grande falta, por outro, estava consciente de que, como havia acontecido entre mim e Jesus, o seu reatamento precisava ser feito de forma mais profunda, consciente, adulta.

Veio, por esta época, a graça do grande amor à Igreja. Mergulhei nas encíclicas uma a uma, passei a estudar tudo o que podia de teologia e história da Igreja, e a Mãe Igreja cada dia mais me fascinava, atraía, alimentava com suas riquezas inesgotáveis. Teria sido lógico que, com o advento do amor e conhecimento mais profundo da Igreja, tivesse sido tirado o misterioso entrave com relação à minha velha amiga, mas a sede continuava insatisfeita.

Havia já tomado consciência da necessidade de um relacionamento mais profundo com Maria quando, de volta ao Rio, depois de muitos anos, fora ao colégio Virgem de Lourdes em busca da “minha” Senhora de Lourdes. Ao chegar diante do que fora a fachada, congelei, ao ver o prédio moderníssimo com vidros fumê que substituíra a capelinha, cujo sino eu sempre sonhara tocar. Procurei a gruta do jardim, à direita, não a vi. Sem descer do táxi, voltei, engasgada, para o apartamento emprestado, onde meu esposo de recuperava de uma operação de câncer nos ossos. Compreendi que era tempo de buscar Maria de maneira nova em encontro definitivo. Até hoje fico impressionada como é possível, na caminhada espiritual, sermos ainda tão paralisados em certos valores da infância que são bons e inquestionavelmente válidos, mas não respondem aos anseios da maturidade, ou, talvez da arrogância de maturidade, não sei bem.

Nestes anos todos, não parei de buscar. Lembro-me quando saiu a encíclica *Redemptoris Mater*. “Engoli-a”. Era bonita, mas não me falava muito. O entrave continuava lá. Tentava ler o que podia sobre Maria, mas tudo me parecia superficial, insípido, pouco atraente, até que, há cerca de dois anos, percebi como nós da RCC temos uma imensa dívida a resgatar para com Maria. Como temos de trabalhar árdua e rapidamente para que ela seja mais profunda e conscientemente amada! Sei que a amamos. É preciso fazer com que ela faça diferença na nossa vida, no nosso agir, na nossa maneira de ser, de orar, de amar e de servir a Jesus.

Todos estes sentimentos eram claros para mim. Tateava, porém, em busca do caminho. Sentia Maria “perseguido-me” e o cerco desta doce perseguição aumentando. Nada do que eu pedisse a Deus por intermédio dela me era negado; praticamente, todas as pessoas que oravam por mim diziam perceber uma forte presença de Maria ao meu lado, caminhando comigo; muitas pessoas que conversavam comigo ou me ouviam pregar diziam a mesma coisa, só eu não percebia e continuava tateando na aridez, enquanto Maria dava mil sinais de sua presença e intercessão.

Resolvi, então, pedir a Deus algo que me atemorizava. Comecei a pedir-lhe uma experiência pessoal com Maria, como a experiência pessoal que havia tido com Jesus, em 1976. Tive de lutar com mil bloqueios: “Será que é certo?”, “É teologicamente correto?”, “Isso pode mesmo acontecer?”. E debatia-me entre mil teorias sobre a ressurreição de Jesus e a assunção de Maria, como se uma graça de Deus tivesse que enquadrar-se no que os homens percebem sobre ela.

Há cerca de um ano, em Brasília, recebi a incumbência de orar, pesquisar e escrever sobre Maria. Minha resposta deve ter deixado atônitos aqueles que há poucas horas me haviam ouvido falar veementemente da necessidade de conhecermos com mais profundidade o papel de Maria na RCC: “Não está em meu coração, mas, se é necessário, me disponho a fazê-lo”. Uma das pessoas presentes respondeu com um “hein?!” atônito e tive de repetir o que havia dito, desta vez

tomando consciência de como aquela frase poderia ter doído no coração de Maria.

Depois da reunião, no quarto, procurei dentro de minha Bíblia o santinho da consagração a Maria que me acompanha há 41 anos, e rezei. A dor passou e fui tratar de outros assuntos, adiando “aquela história de escrever sobre Maria” para quando chegasse a Fortaleza.

Deus reservava uma nova reviravolta em minha vida para vários mil pés de altura. No avião, de volta para casa, de repente, sem que eu estivesse pensando no assunto – estava lendo sobre outra coisa – sem nenhuma explicação, a graça caiu sobre mim. Não adiantava tentar explicar, nem raciocinar, nem fugir. Eu “sabia” que Maria estava ali, que ela me amava. Podia experimentar o seu amor, a sua presença, a sua “pessoa”. Era a experiência pessoal que eu havia pedido por tantos meses. Chorei sem nenhum constrangimento. Na semi-escureza do avião, as pessoas me olhavam, mas isso não interessava nem um pouco. Eu estava cheia de uma grande, grande alegria, de uma felicidade indescritível, de um sentimento de “inteireza” na minha alma. Era Maria. Isto me bastava. Não queria nem pensar nos questionamentos teológicos. Pela janela do meu constrangido vizinho podia ver uma estrela que se destacava dentre todas as demais e meu coração exclamou: “Salve, Estrela da Manhã!” Maria e eu nos havíamos reencontrado.

Como o Espírito fez, por ocasião do Seminário de Vida no Espírito Santo, com relação à Palavra de Deus, assim Ele passou a fazer com relação a Maria. Voltei a ler e estudar tudo o que havia lido sobre ela e muitos outros livros que não conhecia, como do nada aparecia todo o tipo de livro e material sobre a Mãe de Deus. O “Tratado da Verdadeira Devoção” não me parecia mais fora de moda. Nada mais que falasse de Maria era insípido ou sem sentido. Pelo contrário, tudo se encaixava, tudo me falava da grandeza de Deus e de Sua obra no coração de Maria, tudo se unia belissimamente no plano perfeito de Deus e na história da salvação. Nada era entrave; tudo era suavidade e beleza, embora sem romantismo ou sentimentalismo. Havia a evidência da fé, a admiração, a compreensão da vontade de Deus, o acolhimento do mistério, o desejo de servir a Jesus como Maria, de amá-lo, de ser só dele, de ser Sua escrava, em um “cumpra-se” perene, para que seja completado em minha carne o que falta ao Corpo de Seu Filho, que é a Igreja. Cresceu o desejo de que todos amassem e conhecessem Maria de maneira nova, sem sentimentalismos, mas, à sua maneira, firmados na rocha da fé. Os conceitos de eleição, fé, abandono e serviço tomaram novos e nítidos contornos. Tudo era novo, como era nova a minha fé e meu amor a Jesus e à Igreja. Era, sem dúvida, a mão de Maria, sua condução, sua companhia. A Mãe do “autor de minha fé”, que me tinha levado a amar Jesus e Sua Igreja ficando escondidinha, em segundo plano, aparecia agora para o abraço delicioso de duas mulheres que amam e servem o mesmo Esposo, Rei e Senhor. A Mãe de minha fé, finalmente, mostrava-se, feliz, para percorrermos juntas e sem véus o resto de caminho que ainda me falta.

UMA MULHER VESTIDA DE SOL⁴

A primeira vez que Nossa Senhora aparece na Bíblia é em Gênesis 3, e essa referência sobre ela nos faz compreender tudo, ou quase tudo, a seu respeito.

– O que tinha acontecido?

Adão e Eva estavam no Paraíso, proibidos por Deus de comerem do fruto da árvore do Bem e do Mal. Isso significava que o homem não poderia mandar em sua própria vida. Ele era uma criatura de Deus, o seu Senhor, o único que poderia decidir o que era o mal ou o bem para ele.

Achou, porém, o homem, que era dono de si mesmo e comeu o fruto proibido, oferecido pela serpente, isto é, por Satanás.

Não foi esse, como alguns pensam, um pecado de sexo, mas um pecado do orgulho. O homem queria ser igual ao seu Criador.

Nessa ocasião, Deus disse à serpente: *“Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais e feras do campo; andarás de rastro sobre teu ventre e comerás o pó todos os dias de tua vida. Porei o ódio entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela. Ela te ferirá o calcanhar”* (Gn 2,14-15).

Ao mostrar-nos, nessa primeira referência a Maria na Bíblia, uma mulher pisando a cabeça da serpente, Deus nos quis dar a imagem de Maria vitoriosa. Não vitoriosa por ela mesma, mas pela graça, pelo poder de Deus.

Deus quis que Maria fosse a Porta do Céu, porta pela qual a salvação veio a nós.

Através de milhares de anos, Deus foi se revelando ao homem até o dia do cumprimento de suas promessas, embora a salvação, prometida por Ele pela morte de cruz de Jesus, tenha sido um ato eterno, atingindo tanto o que estava para trás, como o que estava por vir. Assim é que Deus deu a Maria, desde o princípio, o poder de nascer sem pecado, o poder de esmagar a cabeça de Satanás.

Chegada a plenitude dos tempos. Deus quis – e nós não podemos discutir o querer de Deus – que Jesus viesse por meio de uma mulher, encarnando-se em seu seio, vivendo a nossa vida desde o nascimento até a morte, para depois ressuscitar.

O anjo disse a Maria: *“Ave, cheia de graça!”* E Maria se perturbou porque conhecia as Escrituras e sabia que o Emanuel viria por uma virgem.

“Ave, cheia de graça”, na linguagem da época, significava: *“Salve você, que não tem pecado!”*.

Maria sabia, portanto, o que estava vindo para o povo de Deus e para a vida dela. Naquela hora, percebeu claramente que era a escolhida, a eleita de Deus! Não discutiu, não tentou modificar o plano de Deus. Apenas perguntou: *“Como se fará isso?”*. A pergunta de Maria refletiu apenas seu desejo de cumprir a vontade de Deus, cumprir o plano que Ele estabelecera para a sua vida.

Contrariamente à atitude de Maria, raras vezes perguntamos: *“Senhor, qual o teu plano para mim e de que maneira devo cumpri-lo?”*.

Queremos fazer sempre tudo à nossa maneira humana, e esta não dá bons frutos. Maria passou

pela Anunciação, cumprindo, submissa, o plano de Deus. Sendo a Nova Eva, não disse, como ela, um “não” ao Criador, mas um “sim” generoso. A vontade de Deus, era a vontade de Maria. O “não” do pecado, tinha sido substituído pelo “sim” da salvação do Relógio Atrasado.

Na Anunciação vemos o seguinte:

1º. Foi revelado a Maria que ela era a “concebida sem pecado”.

2º. Foi revelado a Maria que ela fora escolhida para mãe de Deus.

3º. Foi revelado a Maria como se cumpriria o plano de Deus na vida dela.

Assim como no Genesis temos a promessa de que a salvação nos viria por uma mulher que pisaria a cabeça da serpente. Assim como o “sim” para a entrada de Jesus no mundo foi dado por uma mulher; assim, também, o primeiro milagre do Salvador viria pela intercessão de uma mulher. Não uma mulher qualquer, mas aquela que havia sido preservada do pecado e tinha em seu coração o perfeito conhecimento das coisas de Deus. Não temos esse conhecimento, porque o pecado nos barra; é como uma nuvem em nosso coração, sendo preciso a ação purificadora do Espírito Santo para entrarmos na luz da sabedoria divina.

Nas Bodas de Caná, ocasião em que Jesus manifestou-se ao mundo como Salvador com seu primeiro milagre, Maria foi a porta da salvação para que Adão e Eva não morressem imediatamente, pois a consequência do pecado é a morte. No momento mesmo do pecado original, a humanidade inteira, o mundo todo, poderia ter sido destruído. Mas, por causa da promessa do Pai, por nos ter Ele prometido Maria, o homem continuou sua missão na terra porque Deus é fiel, porque Deus não muda, seu plano de salvação, de etapa em etapa, foi sendo cumprido, tendo sempre como porta, como medianeira, como intercessora, a figura privilegiada de Maria.

Desde o Gênesis até o Apocalipse, ou melhor, até a época atual, Maria tem sido nossa advogada.

No Gênesis, através dela, foi mantida a vida do homem; na Anunciação, por ela, veio a nós o Filho de Deus; nas Bodas de Caná, por sua intercessão, Jesus fez o primeiro milagre. Finalmente, temos Maria diante da cruz, Jesus lhe diz nessa ocasião: “*Mulher – expressão que significa nova mulher, nova Eva – eis aí o teu filho, filho eis aí a tua mãe*”. O sentido dessas palavras extrapola os cuidados humanos para atingir algo muito mais profundo, mais grandioso: a missão de advogada, de intercessora de Maria entre Deus e os homens.

Maria, a Rosa Mística, diz aos pés da cruz seu segundo “fiat” e torna-se Mãe da Igreja. O Testamento da Cruz lhe é confiado em momento de dor incomparável, mas ela aceita mais uma vez a vontade de Deus, submissa, humilde, confiante.

Nessa anunciação, por assim dizer, feita na dor da perda de seu filho, começa Maria a ser a Mãe do Cristo Total, isto é, a Mãe de Jesus e de toda a Igreja: militante, padecente e gloriosa.

Depois de Pentecostes, onde orou em línguas, onde recebeu do Espírito palavras de ciência e de profecia, Maria foi assunta ao Céu, isto é, pelo poder de Deus foi preservado seu corpo da corrupção e levado para junto de seu filho glorioso.

Assim como foi adiantada para ela a salvação de Jesus, o foi também a ressurreição dos mortos. Não tendo tido pecado, passou Maria imediatamente da morte para a Assunção. Está ela agora no Céu com seu corpo glorioso, tal como nos mostra a imagem de Apocalipse 12: “*Aparece em seguida um grande sinal no Céu: uma mulher vestida de sol, a lua debaixo dos pés, e na cabeça uma coroa de 12 estrelas*”.

Como Mãe da Igreja, Maria sofre por nós dores de parto, até que estejamos face a face com o Cordeiro de Deus, até que nos receba Ele, como Igreja.

Deus, que escolheu Maria e no-la dá no Gênesis, na Anunciação, nas Bodas de Caná e diante da cruz, continua querendo usar sua intercessão por nós.

O Pai nos olha com sua misericórdia através de Jesus, de sua cruz, morte e ressurreição. Maria, como parte da Igreja militante, padecente e gloriosa, como parte do Cristo Total, é parte do corpo de Cristo, intercedendo a Ele por nós. Este é o papel dela desde toda a eternidade.

Todas as graças que a humanidade recebe, incluindo pessoas dos mais diferentes credos ou mesmo ateus, vêm pelas mãos de Maria, porque foi assim que Deus determinou. Por isso, ela é chamada a “Medianeira de todas as graças”.

Depois das duas guerras mundiais, começou Maria a aparecer e a advertir o mundo. De um modo especial está ela aparecendo em Medjugorje – ela pode aparecer porque é corpo e alma no Céu – advertindo-nos: “Convertam-se, orem, jejuem, rezem o terço, vão à Missa!...”

Maria hoje está querendo nos ensinar que Jesus vai voltar. Os tempos estão difíceis e Ele vai voltar.

Desde o Gênesis até a volta de Jesus, ela foi e vai ser sempre o meio que Deus escolheu para que conhecêssemos os desígnios do Pai para nós.

Maria, roga por nós!

MARIA, A THEOTÓKOS⁵

Deus Uno e Trino exigiu uma grande fé de Maria Imaculada, no decorrer de sua vida. Teremos pensado bastante naquilo que Deus pediu à humilde mocinha judia que todas as gerações chamaram e chamarão de bem-aventurada? Apareceu-lhe um Anjo e lhe disse que ela, uma virgem, conceberia, permanecendo virgem, e que se tornaria mãe, conservando sua preciosa virgindade; que ela não conheceria homem, mas seria “*encoberta pela sombra do Espírito Santo*”. E continuou dizendo à humilde moça, de pais muito pobres, que o Filho a que daria à luz “*seria Grande e seria chamado Filho do Altíssimo*”. Haverá no mundo outra sucessão de tão altas improbabilidades e semelhantes impossibilidades?

Então, como se lesse a exclamação que aflorasse aos lábios humanos: “Impossível”, o mesmo Anjo continuou dizendo: “*Na verdade, nada é impossível a Deus*”⁶.

Maria acreditou, entregou-se e silenciou. Após a Anunciação, a primeira palavra que ouviu sobre este assunto viria a testemunhar que, à sua condição de “Elousa”, Virgem cheia de ternura, fora acrescentada a de “Theotókos”, a Mãe de Deus: “*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe de meu Senhor?*” (Lc 1,42).

Mãe de Deus! Pela segunda vez, Maria ouvia esta expressão revelada de forma extraordinária. Ela expressava a um tempo sua vocação, o sentido de toda a sua vida e o mistério insondável que a cercava. Nove meses separavam Maria do encontro face a face com o Filho. No seu interior, entretanto, o Encontro há muito se dera.

É este Encontro o sustentáculo permanente no suceder de luz e sombra que prova a fé da Mãe de Deus. Ao encontro glorioso com Isabel e a exultação do Magnificat, seguem-se as portas fechadas na cidade de Davi. A fé mais uma vez provada e vitoriosa de Maria é recompensada por Deus com a visita dos Reis Sábios, a adoração dos anjos e pastores e, sobretudo, o Filho que acaricia, contempla, amamenta, beija, acalenta. A prova surpreende-a e a José mais uma vez: Herodes busca o menino: é preciso fugir. Maria e José temem em sua humanidade. O coração, porém, está firme: “*Nada é impossível a Deus*”.

À medida que o Menino crescia, o Mistério ora revelava-se ora ocultava-se diante do olhar atento da Mãe, entre os risos e brincadeiras mais corriqueiras do Filho do Altíssimo. Sentia-se “*um prolongamento dele, (via-se) delineada nos traços do seu rosto*”⁷ meditava no mistério insondável de serem seus aquela carne e aquele sangue (RM, 20)⁸. Nos seus afagos de criança, nos olhares de admiração de Filho para Mãe, reconhecia-se, como toda mãe, indelevelmente “*delineada no âmagô de sua alma*”⁹, como Ele, há muito estava na dela.

O Mistério aprofunda-se na “segunda anunciação”: “*Eis que este menino está destinado a ser uma causa de queda e de soerguimento para muitos homens em Israel, e a ser um sinal que provocará contradições – e uma espada transpassará a tua alma*” (Lc 2,34). E novamente esconde-se na aflição e reencontro: “*Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*” (Lc 2,49). A Mãe não entende, apenas acolhe e guarda estas coisas em seu coração.

Maria acolhe e ama Jesus, o Filho de Deus, pois o Pai não a chamou para “*simplesmente*

exercer as sublimes funções de mãe de Jesus segundo a carne, mas para ser aquela mulher que, representando o povo de Israel e toda a humanidade, acolhesse o grande dom de Deus, a misteriosa autocomunicação de Deus ao mundo na pessoa de Jesus; e para que, mediante esta acolhida, criasse em torno de Jesus um ambiente educativo, de amadurecimento humano, de profundas experiências religiosas. E assim foi feito. (...) Nela, Israel aceitou amorosamente e com fé inquebrantável o dom de Deus e esperou sua manifestação”¹⁰.

“Bem-aventurado o ventre que te trouxe, e os peitos que te amamentaram!” (Lc 11,27). Maria não ouviu esta exaltação da mulher que, profundamente tocada por Jesus, a abençoava e exaltava. Somente depois, ela acompanharia Jesus em sua atividade messiânica. Diz García Paredes: “*Dir-se-ia que as palavras daquela mulher desconhecida fizeram com que Maria saísse de seu esconderijo. Através delas, passou rapidamente pela mente da multidão, pelo menos por um instante, o Evangelho da infância de Jesus (...) no qual Maria está presente como a mãe que concebe Jesus em seu seio, lhe dá a luz e o amamenta maternalmente: a mãe a que se refere aquela mulher do povo.*”¹¹

A este grito, porém, em um novo momento de revelação do Mistério, Jesus responde: “*Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a guardam*” (Lc 2,28), como o faria desta vez em presença de Maria, que aguardava uma ocasião para falar com Ele: “*Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?*” E, apontando com a mão os seus discípulos, acrescentou: “*Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão e minha irmã e minha mãe*” (Mt 12,48ss).

Terá esta afirmativa de Jesus despertado no coração de Maria as palavras que desde os seus 12 anos ela guardava em seu coração: “*Devo cuidar das coisas de meu Pai*”? Nunca se poderá dizer com certeza. O fato é, porém, que estes três momentos apontam em uma mesma direção: o Reino de Deus que dá “*uma dimensão nova e um novo sentido a tudo aquilo que é humano; e, por conseguinte, a todos os laços humanos*” (RM, 20). A maternidade, vista na dimensão do Reino de Deus e na irradiação da paternidade do próprio Deus, adquire uma nova dimensão.

Maria compreende e assume esta nova dimensão em sua vida, na qual Deus se autorrevela de maneira contínua e de forma cada vez mais transparente. Pela fé na Palavra que ela provaria de modo crucial na Anunciação, Maria se torna Mãe e irmã de Jesus. Mergulha, assim, naquele “*misterioso vínculo espiritual que se estabelece entre Ele e aqueles que ouvem a Palavra, tornando-a uma realidade em suas vidas.*”¹²

Ao acolher estas palavras de Jesus, Maria, a “discípula” por excelência, assume mais uma característica da missão de seu Filho, que lhe prepara o coração para assumir a maternidade da Igreja e nela e com ela mais uma vez acolhê-lo, amá-lo e gerá-lo no coração de seus irmãos e filhos. Mais uma vez o mistério se revela. Uma vez mais, Maria diz “sim”, mesmo sem compreender todas as consequências, em amor inabalável Àquele que lhe pede ainda um passo adiante.

MARIA, A KECHARITOMENE¹³

Não há como mergulhar no mistério de Maria sem mergulhar no imenso mistério da eleição, da escolha de Deus. Ao olhar a história da Salvação, encontramos homens e mulheres “escolhidos” por Deus para uma missão especial junto ao seu povo. Observando a vida destas pessoas, constatamos que o Senhor as elegeu não por causa daquilo que elas eram, mas apesar do que eram.

É o próprio Senhor que afirma a Moisés: “*Dou a minha graça a quem quero, e uso de misericórdia com quem me apraz*” (Ex 33,19). De fato, se observarmos o nômade Abrão, o gago e intempestivo Moisés, o impulsivo e imprudente Simão, o grande perseguidor Saulo, jamais os escolheríamos para fazer alguma coisa em nome de Deus. Como poderia um nômade tornar-se Abraão, pai de muitos povos? Como seria possível a um assassino intempestivo tornar-se o grande legislador de Israel? Entregar a Igreja ao temperamental Simão e fazer dele a Pedra? Transformar o frio Saulo no apaixonado apóstolo Paulo que deu a vida pelos cristãos?

Deus, de fato, faz misericórdia a quem lhe apraz. Comunica a graça da eleição àqueles que, nos seus desígnios insondáveis, escolheu como mediador entre Si e os homens. Desta forma, “eleva-os” não acima de todos os homens, mas abaixo de todos, como servos, uma vez que a graça da eleição implica, necessariamente, em mediação. Deus escolheu a cada um destes homens para desempenharem uma missão que revelaria a Sua vontade para a história da salvação, para falarem e agirem em Seu nome a fim de que a Sua glória fosse manifestada no meio dos homens.

A graça da eleição, além de trazer em si uma missão de mediação, traz, necessariamente, uma graça de santificação. Como todos nós, eleitos para amar e pertencer a Deus através do Batismo, estes escolhidos podem dizer “sim” ou “não” ao chamado de Deus. São livres e iguais a todos os batizados. Nada os faz superiores a nenhum deles. Ao dizerem “sim” ao chamado de Deus e abraçarem a missão e vocação que a Misericórdia lhes confia, abraçam a graça de santificação que esta mesma Misericórdia lhes reserva, a fim de desempenharem sua missão.

Naturalmente, a esta pequena lista de quatro “escolhidos”, poderíamos acrescentar uma infinidade de nomes que abrangeriam toda a história da salvação e da Igreja. Nosso objetivo, porém, é destacar a eleição de Maria, a mais sublime entre todos os eleitos.

A livre e soberana vontade misericordiosa de Deus escolheu Maria, entre todas as moças judias de todos os tempos, para ser a *Theotókos*, a Mãe de Deus. Nunca se poderia imaginar tamanha graça: alguém totalmente humano escolhido para ter em si gerado o próprio Deus! A tão incomparável graça fazia-se mister o estado de perfeita inocência a fim de que a humanidade pudesse abrigar o Deus eterno.

Abrão recebeu de Deus todas as graças necessárias para tornar-se Abraão, inclusive o milagre da fertilidade na velhice. Do mesmo modo, Deus proveu com a graça necessária para desempenhar a sua missão o gago Moisés; o pastor Davi; o profeta de lábios impuros, Isaías; o renitente Jonas; João Batista; Pedro; Paulo e todos os outros que pontilham, como luzeiros, a história da nossa fé.

Se estes homens receberam as graças necessárias ao cumprimento do seu “sim”, graças miraculosas, inéditas, únicas, como no caso de João Batista, que ficou cheio do Espírito Santo ainda no ventre de sua mãe, como não haveria de receber graça especialíssima aquela cuja missão era igualmente especial e única no coração de Deus e na história dos homens?

Maria, a Eleita, recebeu, para que lhe fosse possível cumprir a sua missão, a graça de ser concebida sem o pecado original. Diante de sua beleza e pureza incomparáveis, que, segundo S. Luis de Monfort, Deus escondia, a pedido seu, até dos anjos, o Anjo Gabriel exclama: “Ave, *Kecharitome!*”. “Este vocativo, empregado em lugar do nome próprio da Virgem, define quem é Maria para Deus: a que é e continua sendo objeto da graça benevolente, condescendente e encantadora de Deus. O passado, o presente e o futuro de Maria ficam recolhidos unitariamente nesse nome, com o qual Deus a designa. A ação benevolente e graciosa de Deus cria em Maria um estado de permanente reflexo dessa graça. De fato, mais tarde, o anjo dirá a Maria: ‘Você encontrou graça diante de Deus’” (Lc 1,30)¹⁴.

A Kecharitome, a agraciada, a encantadora diante de Deus, foi, de fato, “redimida de modo eminente, em virtude da riqueza da graça do Amado, em razão dos méritos redentores de Cristo, seu Filho”¹⁵. “Por isso, por obra do Espírito Santo, na ordem da graça, ou seja, da participação da natureza divina, Maria recebe vida daquele ao qual ela mesma deu vida como mãe, na ordem da geração terrena...E, uma vez que Maria recebe esta ‘nova vida’ com uma plenitude que corresponde ao amor do Filho pela Mãe e, por conseguinte, à dignidade da maternidade divina, na anunciação o anjo a chama cheia de graça” (RM,10).¹⁶

Maria, a Eleita, é abençoada com toda a sorte de bênção espiritual. “É uma bênção derramada por obra de Jesus Cristo na história do homem, desde o começo até o final: a todos os homens. Na verdade, essa bênção refere-se a Maria de modo especial e excepcional; e, com efeito, ela foi saudada por Isabel como a ‘bendita entre as mulheres’” (RM,8).

Maria tem sua vida essencialmente unida à vida do Filho; tem sua missão essencialmente unida à Sua, de maneira indissolúvel. Seu “sim” é eco do “sim” de Jesus ao Pai. Como o dele, perpetua-se durante toda a sua vida e por toda a eternidade. Como Ele, é fonte permanente de bênção de Deus para todo homem em todos os tempos. É a Berakah de Deus, a bênção por excelência com que o Pai, por Jesus, abençoa todos os seus filhos. É o modelo para todos os que, chamados à santidade pelo Batismo, dizem a Deus o “sim” permanente que os faz serem mais e mais configurados a Jesus pela ação do Espírito, unidos à Sua morte e ressurreição manifestas em suas histórias pessoais, elevados enfim, à vitória sobre toda morte e pecado.

Diante do mistério insondável da eleição de Maria, cabe a nós unirmo-nos a ela em seu canto de gratidão ao perceber-se alvo de tão elevada eleição. Unidos a ela, cabe a nós, enchemo-nos de gratidão a Deus por Sua escolha livre e insondável e a Maria por seu sim renovado através da vida de Jesus e da Igreja. Cabe a nós, em gratidão, sermos ecos deste “sim” generoso e incondicional, entregando-nos a Deus como Maria e testemunhando diante do homem incrédulo e secularizado de hoje: “Sim! De fato, o Senhor fez em Maria maravilhas!” De fato ela é felicíssima por ter sido alvo de tão alta escolha! Eu testemunho e proclamo que Maria é a feliz, a bem-aventurada por excelência. Em nenhuma geração da história dos homens jamais haverá alguém tão digno de ser exaltado por ter sido escolhido para missão tão incomparável. De geração em geração, pelos séculos dos séculos, ela será sempre a mais feliz, a mais bem-aventurada entre todos os homens e mulheres. Ninguém jamais conheceu a Deus tão de perto. Ninguém jamais participou dos mistérios de Sua vida tão íntima e completamente! Digo meu sim com o sim de Maria. Nela tenho o Salvador. Em sua vida, o entendimento mais profundo e pleno da salvação. Com João Paulo II, posso proclamar: “Sou todo teu, ó Maria!”.

MARIA, A ESTRELA DA EVANGELIZAÇÃO¹⁷

"Evangelizar é a Graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda" (Paulo VI). Sem dúvida, todo o povo de Deus tem por vocação e por missão anunciar o Evangelho, tendo sido habilitado para isso pelos sacramentos da iniciação cristã e pelos dons do Espírito Santo. A ordem de Jesus: "Ide e pregai o Evangelho" mais do que nunca continua urgente e cheia de sentido, exigindo de nós uma obediência cada vez mais pronta e generosa.

Em um tempo em que muitos vivem como se Deus não existisse, e outros tantos têm se entregue a doutrinas estranhas, só uma nova evangelização poderá garantir o crescimento no mundo de uma fé límpida e profunda. E cada cristão deve se sentir plenamente envolvido nesta tarefa da Igreja, chamado que é a anunciar e a viver o Evangelho a serviço dos valores e das exigências da pessoa e da sociedade.

O Papa Paulo VI, ao terminar sua exortação apostólica *"Evangelii Nuntiandi"*, deu o título de "Estrela da Evangelização" à Mãe de Deus. E ele mesmo explica porque usou esta expressão:

*"Na manhã de Pentecostes, ela presidiu com sua oração no início da evangelização, sob a ação do Espírito Santo: que ela seja a estrela da evangelização sempre renovada que a Igreja, dócil ao mandamento de seu Senhor, deve promover e cumprir, sobretudo nestes tempos difíceis, mas cheios de esperança"*¹⁸ (EN, 82).

É realmente riquíssima em sentido a denominação do Santo Papa à nossa Mãe. Maria é evangelizadora da Igreja, e essa sua missão realiza-se de inúmeras formas no meio dos povos:

"Todos eles perseveravam unânimes na oração, juntamente com as mulheres, entre elas, Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele". Historicamente, Maria participou, no papel de Mãe, do início da Igreja e, portanto, do início da evangelização das nações.

Mãe de Deus e Nossa Mãe é modelo e figura da Igreja, também no seu papel evangelizador. Pela sua fé, caridade, obediência e perfeita união com Cristo, gerou na terra o próprio Filho de Deus, e nos incita a imitar suas virtudes, a fim de cumprir uma evangelização profunda e definitiva no meio dos homens. A evangelização, para ser eficaz, há de estar firmada no sólido alicerce da potência divina. Não se trata tanto de pregar o Evangelho em vastos espaços num tempo curto, mas de transformar profundamente o interior do homem. No seu papel materno, Maria aponta para nós o caminho da verdadeira e integral doação de si.

Por sua vida evangélica, Maria se mostra também fortemente a *"Estrela da Evangelização"*, como um testemunho completo e palpável da doutrina do seu Filho. Na anunciação, Maria é a primeira evangelizada, e na visitação, é a primeira evangelizadora que leva a Boa Notícia, derramando alegrias, bênçãos e o próprio Espírito Santo sobre os que a encontram pelo caminho.

Pertence a cada fiel, parte do povo de Deus, o chamado a ultrapassar em si mesmo a ruptura entre o Evangelho e a vida, o que só é possível acontecer com aqueles que abrem sem reservas sua vida a Cristo. Acolher Jesus no espaço da própria humanidade não é ameaça para o homem, mas é a única estrada real a percorrer para viver e anunciar com eficácia o Evangelho.

Finalmente, um aspecto especialíssimo no qual Maria também é evangelizadora: sua intercessão materna. De fato, a evangelização não pode ser reduzida a técnicas. A oração é parte indispensável na missão evangelizadora da Igreja. Assunta ao Céu e inserida no Mistério Trinitário, Maria tem sua vontade unida à do Pai e do Filho, e invoca constantemente sobre o povo de Deus o Espírito Santo. Maria, com sua intercessão, acompanha a ação evangelizadora de que o mundo atual tem tanta necessidade.

*“Virgem Mãe, guia-nos e apoia-nos para vivermos sempre como autênticos filhos e filhas da Igreja do teu Filho e podermos contribuir para a implantação da civilização da verdade e do amor sobre a terra, segundo o desejo de Deus e para a sua glória. Amém”.*¹⁹

MARIA, MÃE DO DISCÍPULO AMADO²⁰

A ação de Deus, em resposta ao “fiat” inicial de Maria, ecoou ao longo de toda sua vida. Como uma imagem que vai adquirindo foco em obediência à mão que gira as lentes, as implicações do seu “sim” foram ficando cada vez mais nítidas, mais concretas, até atingirem, na paixão e morte de Jesus, amplitude e profundidade ímpares e definitivas.

O abandono nas mãos de Deus, o acolhimento do Verbo, sua gestação, o dar à luz, as tarefas da maternidade humana, a intimidade com Deus, a percepção da nova dimensão de maternidade na economia do Reino, a consciência e aceitação da mediação entre o poder de Deus e a necessidade dos homens, tudo isso foi fazendo mais nítida no coração de Maria sua vocação e missão essencial de ser mãe.

Como seria possível que aquela que fora criada para ser a Mãe tivesse outra vocação? Com a evidência de sua maternidade miraculosa que gerou Jesus; o entendimento de sua maternidade de discípula na dimensão do Reino; o exercício, em Caná, de seu “direito” de interceder como mãe pelos homens, o Espírito foi iluminando as coisas que Maria guardava em seu coração, de forma que ela tivesse cada vez maior participação nos sentimentos e pensamentos de Jesus, da Encarnação à mediação, passando pela nova mentalidade do Reino. Afinal, não era o seu “sim” o eco do Sim inicial que somente a Trindade conheceu? Como não seria a sua vida tecida em conformidade com este Sim?

Maria está agora diante de seu Filho, na cruz. Diante de sua dor, se perguntaria: “Haverá algo ainda a dar?” Alguém ousaria pedir-lhe ainda algo mais? Jesus “*viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava*” (Jo 19,26). Para Jesus, na cruz, não havia mais perguntas, estava dissipada a lógica. Todo o seu ser conhecia somente a linguagem e a lógica do amor. E foi nesta lógica que Ele encontrou forças para pedir à Mãe ainda mais um passo. Sabia que os seus sentimentos eram os mesmos, que ambos participavam do mesmo sim, da mesma missão. Sabia que o mesmo amor os impulsionava e sustentava. Então, pediu: “*Mulher, eis aí o teu filho*”.

Antes de pedir que João acolhesse Maria, como era lógico, Jesus pede que Maria acolha João, como era ilógico: a viúva que perde seu único filho precisa, pela lógica, ser acolhida, amparada, amada. Vendo seus dois mais amados ao pé da cruz, o Amor confia ainda uma missão àquela que soube amar perfeitamente: “Sê, ainda, Mãe. Fica, ainda. O Pai e eu ainda precisamos de ti”. Confia, também, à primeira missão pessoal “àquele que Ele amava”: “*Ama-a como me amaste*”.

Antes de “render o espírito” e, com sua morte, entregar à Igreja o Espírito (“*Convém a vós que eu vá, porque, se eu não for o Paráclito não virá a vós*” – Jo 16,7), Jesus entrega Sua Mãe, a medianeira de todas as graças. Pela sua intercessão será enviado o Espírito. Não que Deus precise que seja assim, como não havia precisado na Encarnação, mas porque Ele quer que seja assim, como quis na Encarnação e em Caná. Maria, por vontade livre de Deus, torna-se, ao pé da cruz, pela força do amor, “*não só a mãe-nutriz*” do Filho do Homem, mas também a “*cooperadora generosa, de modo absolutamente singular*”, do Messias e Redentor. Ela – como já foi dito – “*avançava na peregrinação da fé e, nessa sua peregrinação até aos pés da cruz, foi-se realizando, ao mesmo tempo, com as suas ações e os seus sofrimentos, a sua cooperação materna e sponsal em toda a missão do salvador*” (RM,74). Se era ainda preciso ensinar os

discípulos a orar e aguardar com plena fé e confiança o Poder do Alto, que assim fosse feito, a vontade de Deus era a de Maria, a missão do Filho a sua, o Seu amor, também o dela.

Aos pés da cruz, Maria torna-se a Mãe de todos os homens. Esta nova dimensão de sua missão de Mãe delinea-se agora claramente, fruto do *“amadurecimento definitivo do mistério pascal do Redentor. A mãe de Cristo, encontrando-se no campo direto desse mistério que abarca o homem – cada um deles e todos ao mesmo tempo – é entregue ao homem – a cada um deles e a todos”* (RM,23).

Diz Garcia Paredes que na cruz “ocorre uma mudança de propriedade”: aquela que no começo é chamada “mãe de Jesus” converte-se, no final, na “mãe do discípulo amado”; “este a acolheu como propriedade sua, incluiu-a como elemento essencial dentro de seu próprio mundo espiritual”²¹

Elemento essencial dentro do mundo espiritual dos discípulos amados de Jesus: este o papel de Maria. Sua presença ativa diante da cruz e em toda a vida de Jesus iria perpetuar-se em Pentecostes e perpetua-se, ativa e amorosamente em toda a Igreja, onde quer que ela seja, com amor e fé, “levada para casa”.

MARIA NOS ATOS DOS APÓSTOLOS – MARIA, A MÃE DA IGREJA²²

Maria recebe seu Filho morto em seus braços. Todos conhecemos muito bem esta cena que a tradição consagrou. Custa-nos, porém, penetrar no seu mistério profundo. Ao receber o corpo de seu Filho morto, cabia à Mãe preparar a construção do “edifício espiritual” do “corpo vivo” de Jesus, a sua Igreja.

Na cruz que acabara de viver, Maria havia contemplado o encontro do céu e da terra, no Deus que se submete aos homens. Pela fé, porém, ainda que racionalmente não percebesse, ela sabia que a Ele o Pai submeteria todas as coisas. Não havia Ele dito: “*Coragem! Eu venci o mundo*” (Jo 16,33)? Ela simplesmente acreditava e abandonava-se. Com o corpo de Jesus em seus braços e o drama da paixão no coração, Maria tinha, entretanto, o âmago de sua alma eminentemente cumulado “*de ‘caridade ardente’ para com todos aqueles a quem se destinava a missão de Cristo*” (RM,39). A caridade ardente que inflamou o crucificado inflamava igualmente a sua alma: era preciso colaborar, mais uma vez, para que o Espírito gerasse, desta vez, o Corpo de Cristo.

Como da primeira vez, Maria não entendeu tudo, mas em tudo colaborou. A plenitude da graça que nela habitava e de vida sobrenatural que haviam alimentado toda a sua caminhada faziam-na arder na mesma caridade que havia inflamado Jesus na cruz. Seu coração compreendera aquele amor que une o céu e a terra, fecundando-a e redimindo-a pela entrega a fim de que viesse a ser elevada à submissão ao céu. Era preciso, no abraço ao corpo, assumir o Corpo.

Este mistério de amor, fé e obediência que desembocaria na Ressurreição, impulsionou Maria e a alimentou em sua caminhada para Pentecostes. Trazia o céu em si e, mais profundamente que qualquer criatura, havia entendido o mistério da Redenção. Com este céu alimentou os discípulos até que lhes fosse enviada a “Força do Alto”. Era a “mãe-nutriz” espiritual da Igreja em gestação: “*Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas, Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele*” (At 1,14).

“*Maria não é, contudo, a única Mãe dos discípulos de Jesus (...)* A maternidade de Maria encontra uma nova continuação na Igreja e através da Igreja” (RM,24). (...) Ambas as mulheres, ambas as “mães”, encontram-se em Pentecostes, “preservaram unânimes na oração”, implorando a vinda do Espírito Santo, que tornara fecunda a Igreja e que já havia fecundado Maria na Anunciação. “*Na história da encarnação do Verbo e do nascimento da Igreja. A pessoa que une esses dois momentos é Maria. Em ambos os casos, sua presença discreta, mas essencial, indica o caminho do ‘nascimento do Espírito’...Também na Igreja ela continua na presença materna*” (RM,24).

A missão histórica de Maria na terra estava quase terminada. Faltava-lhe somente uma coisa: participar da ressurreição do Filho e, nela, levar a humanidade ao céu que havia colaborado para trazer à terra. Assim, assunta ao céu em corpo e alma pelos méritos de Jesus, pisa, por sua mediação incessante, a cabeça da serpente, do dragão, em favor de seus filhos, até que, com o

Filho, veja a plenitude definitiva do Reino, “*Quando Deus for um com todos*”[23](#) (RM,24).

ANUNCIAÇÃO: O MISTÉRIO DA OBEDIÊNCIA DA FÉ²⁴

Maria foi a única pessoa humana que, por eleição divina, interveio no momento da vinda do Filho de Deus ao mundo. Sua participação na Anunciação foi decisiva. Deus esperou o seu “sim” para concretizar a sua própria presença pessoal na história do homem. É o mistério do Deus que se faz prisioneiro da liberdade humana levado ao seu cume: “Deus quis que a Encarnação fosse precedida da aceitação de Maria... a fim de que assim ela contribuísse para a salvação dos homens... Com razão, afirmam os santos Padres que Maria não foi instrumento meramente passivo nas mãos de Deus, mas cooperou na salvação dos homens com fé livre e inteira obediência”.²⁵

Com o seu “sim” a Deus, Maria contribuiu de maneira única para a salvação dos homens. Nunca nenhum ser humano jamais poderá dar contribuição que se lhe assemelhe. Com este seu “sim” livre, que envolveu toda a sua vida, Maria tornou-se co-redentora de toda a humanidade. Sem sua colaboração essencial não teríamos tido Jesus.

Com o “sim” da Anunciação, Maria associou-se definitivamente à missão salvadora de Jesus, não apenas na sua encarnação, gestação e nascimento, mas em todos os momentos de sua vida. A partir daí, não há como dissociar as suas vidas e a missão única que envolveu o Redentor e a corredentora: a salvação dos homens. Unidos à paixão, morte e ressurreição de Jesus estão a paixão, entrega e maternidade de Maria que “concebeu no seu espírito antes de conceber em seu seio” (Sto. Agostinho).

Muitos de nós somos levados a pensar ingenuamente que Maria teve uma compreensão perfeita e clara de tudo o que se seguiria ao seu “sim”. A verdade, porém, é bem diferente. Na Anunciação, Maria não tinha outro dado, outra “prova” senão a Palavra de Deus em si mesma. O anjo não lhe ofereceu nenhuma garantia de suas palavras, não lhe propôs nenhuma mordomia, nem lhe garantiu nenhuma santidade especial. Ofereceu-lhe apenas a Palavra: “*Conceberás... darás à luz um Filho e lhe porás o nome de Jesus... ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi... ele reinará eternamente na casa de Jacó e seu reino não terá fim*” (cf. Lc 1,30ss).

Maria conhecia bem a Palavra. Como todo bom judeu, sabia bem o que significava reinar na casa de Jacó e herdar o trono de Davi. Compreendeu que o Mensageiro lhe comunicava ser ela a jovem escolhida para protagonizar o acontecimento mais esperado de milênios de história do seu povo: ser a virgem mãe do Ieshuah. Tudo o mais, porém, lhe era obscuro: “Como se fará isso, pois não conheço homem?” Era-lhe obscura a forma como se daria a encarnação, era-lhe oculto o que aconteceria a partir daí e o que Deus esperava dela bem concretamente. Como muitas vezes acontece conosco, Maria estava sendo chamada a viver em cumprimento à Palavra de Deus e somente ir compreendendo a Sua vontade à medida que ela se realizasse.

Maria foi chamada à “obediência da fé”, àquele tipo de obediência que, segundo São Paulo, é proposto ao homem como revelação para que o homem obedeça humildemente a Deus pelo mero fato de que foi Ele quem falou. Na verdade, “obediência e fé são duas atitudes inseparáveis.

Ambas constituem a resposta adequada ao Deus que se revela (...) Através da obediência da fé, o homem se entrega livre e totalmente a Deus; presta “a homenagem do entendimento e da vontade, (pois) crer significa “abandonar-se”²⁶ (Rm,13; DV,5).

Diante do mistério único da revelação de Si mesmo que Deus lhe fazia através do Anjo, o coração de Maria disse “Creio e quero participar segundo a vontade de Deus. Abandono-me a esta vontade porque creio”. Diante da proposta da autocomunicação de Deus a Maria em corpo, alma e divindade, todo o ser de Maria comprometeu-se dizendo: “Faça-se. Sou serva. Acolho em meu corpo e em minha vida este Filho do Altíssimo. Acolho-o com todo o meu ser e para toda a vida. Que Ele viva em mim. Que não seja mais ‘eu quem viva’, mas Ele que viva em mim. Vivo para Ele, minha vida, que estava ligada à Sua em espírito, une-se agora à Dele em toda a Sua história para sempre”.

Em sua encíclica *Redemptoris Mater*, João Paulo II ressalta que Maria foi a “primeira entre os pequeninos”, que acolhem a Palavra de Deus e a cumprem (RM,13). À revelação e proposta do anjo, ela responde com perfeita cooperação e disponibilidade perfeita. Não saem de sua boca nem habitam em seu coração nenhum “mas”, nenhum “se”. Diante da grandeza da eleição e missão que lhe são reveladas todo o seu ser entrega-se com seu “sou serva”, com o “cumpra-se a tua palavra” e, o mais fundamental: cumpra-se “em mim”.

A obediência da fé é avessa a toda teoria vazia. Exige o cumprimento da Palavra na vida. Leva à perfeita cooperação de todo o ser, da própria história, da própria vida: “Se é esta a vontade de Deus, estou pronta para cooperar com absolutamente tudo o que é necessário, não somente com ideias, mas com a vida, não importa o que isso venha exigir de mim. Coopero perfeitamente”.

A perfeita cooperação implica, logicamente, na perfeita disponibilidade: “Não mais me pertença. Sou serva. ‘Tenho os olhos fitos nas mãos do meu Senhor enquanto minha alma repousa tranquila e confiante na Sua vontade’ (Sl 131). O mais leve movimento de Sua vontade não encontrará, na minha, resistência alguma”.

A obediência da fé implica compromisso de vida. Traz em si a graça da completa confiança e do inteiro abandono, que não opõem à vontade de Deus nenhuma resistência. A alma obedece por causa da Palavra, por causa da vontade de Deus, sem levar em conta a si mesma, porque é já toda Dele. “Crer quer dizer ‘abandonar-se’ na própria verdade da palavra do Deus vivente, sabendo e reconhecendo humildemente ‘o quanto insondáveis são seus desígnios e inescrutáveis seus caminhos’ (Rm 11,33). Maria que se viu no próprio centro daqueles inescrutáveis caminhos e dos ‘insondáveis desígnios’ de Deus, com eles se conforma na penumbra da fé, aceitando plenamente e com o coração aberto tudo o que está disposto no desígnio divino” (RM,14).

Como seria decepcionante e triste se Deus tivesse revelado todo o Seu plano a Maria! Isto dispensaria a sua fé e a faria tão alheia, passiva e alienada da pessoa e da vida de Jesus e nossa! Esta “revelação” teria feito de Maria um mero objeto utilizado por Deus sem nenhuma necessidade, uma vez que não precisava de ninguém para vir ao mundo! Felizmente, porém, não é assim que Deus age com seus filhos. Ele sempre exige a nossa parte, sempre nos mergulha carinhosamente na penumbra da fé acolhida pela nossa liberdade. Nosso Pai nos tem em grande conta!

Segundo o Santo Padre, Maria “se conforma (à vontade de Deus) na penumbra da fé”, isto é, conforma-se (= toma a forma necessária, faz o que é necessário, adere, dá o seu sim) ao que lhe é proposto não pelo que é proposto em si (pois desconhece sua plenitude), mas por causa daquele que lhe propõe.

É muito lindo pensarmos como alguém pode “tomar a forma de” alguma coisa que não sabe ao certo o que é. À primeira vista, parece até paradoxal. No mistério da obediência da fé, porém,

“toma-se a forma” da Vontade de Alguém, não pela forma à qual se tem que “conformar-se” (isso, afinal, importa tão pouco!), mas pelo amor à Pessoa que expressa a Sua vontade. Foi este amor inteiramente abandonado que levou Maria, por meio da fé, a confiar-se a Deus sem reservas e consagrar-se totalmente a si mesma, como a escrava do Senhor, à pessoa e à obra do seu Filho (cf. LG, 54).

Maria consagrou-se à “Pessoa” de Jesus; consagrou-se, igualmente, à “obra” de Jesus, seu filho. Esta consagração, feita na Anunciação e renovada a cada dia, fê-la sair, como Abraão, “sem saber para onde ia”, confiando na Providência Divina que lhe exigiria uma “obediência heróica”²⁷ à Palavra de Deus. A entrega absoluta à pessoa e à obra de Jesus uniram-na espiritual e historicamente a Ele de forma tão única e radical que não há como separar o mistério destas duas vidas que cumpriram, em sua radicalidade, a obediência implícita no amor sem restrições.

MARIA, A MÃE SOLÍCITA²⁸

Há uma grande festa judia, festa de vários dias de duração, onde o noivo e os amigos do noivo celebram seu casamento. A noiva o espera e participa da festa que o introduz na casa de sua mãe. Amigos queridos participam destes vários dias, em que tudo é farto e que se visa, em primeiro lugar, o bem estar dos convidados.

A uma destas festas foi convidada Maria, provavelmente já viúva de José, de Nazaré. Com ela foi também convidado o seu Filho que, por sua vez, trouxe consigo todos os seus discípulos. Era assim uma festa de bodas entre os judeus. Havia sempre muita gente, muita dança, muita conversa gostosa, muita festa. Era momento esperado durante anos. Nada podia dar errado ali.

Nessa festa, faltou o vinho e, com ele, tudo o que o vinho representa para o judeu: alegria do coração, aliança, celebração da amizade.

Faltar vinho seria causa de grande constrangimento, um problema sério para ser resolvido pelos donos da festa antes que fosse percebido pelos convidados. O problema se tornava ainda mais grave pelo fato da dificuldade em se conseguir uma grande quantidade de vinho, num tempo em que nem se sonhava com as facilidades de hoje. Ainda havia algum tempo para se tentar fazer alguma coisa. Os convivas ainda não tinham notado a gravidade da situação: o fim do vinho significaria o fim da festa e grande vexame e decepção para os noivos.

Enquanto os organizadores da festa discutiam o que fazer, Maria, atenta, percebeu que não havia mais vinho. Na verdade, a Mãe de Jesus não era um conviva comum. Não havia divisão na profunda coerência entre a sua fé e a sua vida. Não havia rachaduras entre o seu “sim” na Anunciação e o “sim” que ecoou durante toda a sua vida. Sua participação íntima e profunda na missão de Jesus não ficava do lado de fora, esperando, enquanto ela se divertia na festa. Maria, como nenhuma criatura, foi inteira, coerente, íntegra, conseqüente em sua fé. A Mãe vivia com tal profundidade sua missão e vocação que sua fé era sua vida. Não havia como separar as duas. Por isso, a Mãe do Amor, atenta, percebeu: “Já não há mais vinho”. E, Serva, foi atrás de quem pudesse ajudá-la a fazer alguma coisa.

“A Mãe de Jesus disse-lhe: ‘Eles já não têm mais vinho’” (Jo 2,3). Maria, por ela mesma, não tinha como fazer nada. Era pobre, mulher, viúva, em uma cidade que não era a sua, numa festa onde era apenas convidada. Seu Filho, porém, podia tudo. Ela sabia disso muito bem e foi consciente disso que ouviu sua ponderação: “Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4).

A “Mulher”, porém, era “Mãe” e toda mãe sabe, especialmente se é viúva, que pode contar com um bom filho e, em especial, o que se passa por trás de tais ponderações. Esta intimidade humana entre mãe e filho, que todas as mães conhecem tão bem, era, no caso de Jesus e Maria, uma união íntima a que nada humano pode ser comparada: “*Que entendimento profundo terá havido entre Jesus e a sua Mãe? Como se poderá explorar o mistério de sua íntima união espiritual?*” (RM,21).

A vida de Maria, “cheia de graça e possuída inteiramente pelo Espírito Santo (...) praticou as mais elevadas formas de oração mística”²⁹, era e é oração. Em sua vida, não há separação entre

oração e “vida”. Sua união íntima com o Espírito e com Jesus e Sua missão fá-la perceber que tem a autoridade de Mãe para servir de ponte, “por-se de ‘permeio’, isto é, (por-se como) mediadora, não como uma estranha, mas na sua posição de mãe, consciente de que como tal pode – ou antes, ‘tem o direito de’ – fazer presente ao Filho as necessidades dos homens” (RM,21). Sua íntima união espiritual com o Filho dava-lhe o entendimento da profecia de Isaías que havia decorado quando estudava no Templo: “O Espírito do Senhor está sobre mim e enviou-me para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18) e que este anúncio atingia as necessidades mais íntimas do homem.

O próprio Espírito, na oração e na convivência com Jesus, havia certamente levado Maria a penetrar em seu papel e na amplitude da Boa-Nova e a havia preparado para este momento em que o vinho melhor seria oferecido, por sua mediação, através do início da “hora” de Jesus. E ela não se negou a este papel. Consciente, coerente, conhecedora do coração do Filho, ela simplesmente disse aos serventes: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Agiu, assim, em coerência com sua fé e retirou-se de cena.

Maria aparece aqui maravilhosamente consciente de seu papel. Não poderemos saber se lhe teria sido possível dar uma explicação verbal deste papel. No entanto, podemos certamente ver que a fé e o amor a levaram a assumi-lo. Maria aparece aqui, de maneira eloquente e clara, como mulher de fé coerente que assumiu seu papel no Reino e como Mãe solícita que cumpre o seu papel movida pelo amor. O amor a move a levar ao Filho as necessidades dos homens, sem medo, assumindo seu papel mediador. A fé amorosa, que lhe revela o coração do Filho, dá-lhe a incontestável confiança de levar de volta aos necessitados a resposta de sua intercessão através de uma ordem para a ação: “Fazei o que ele vos disser”. *“A Mãe de Cristo apresenta-se diante dos homens como porta-voz da vontade do Filho, como quem indica aquelas exigências que devem ser satisfeitas, para que possa manifestar-se o poder salvífico do Messias”* (RM,21).

Oração, amor, fé, entrega, confiança, eis as condições que Maria cumpriu com sua própria vida e que poderiam tê-la levado a dizer: “Podem fazer o que ele disser. Eu fiz e sou incomparavelmente feliz”.

“Em Caná, graças à intercessão de Maria e à obediência dos servos, Jesus dá início à ‘sua hora’” (RM,21). Naquelas bodas, a atitude coerente e conseqüente de fé de Maria suscita a fé dos discípulos. Na festa, onde se guardou para o final o melhor vinho, revelou-se não só o poder do Filho de Deus, mas o papel de Mãe solícita e intercessor da Filha Predileta de Deus, a quem Ele próprio se confiou na Encarnação (cf. RM,39).

Graças ao entendimento espiritual de Maria, à sua vida de fé e oração, à sua solicitude amorosa, o melhor vinho foi dado aos convidados. É também graças a esta mesma mediação amorosa que nós, convivas do Reino, poderemos provar o melhor dos melhores vinhos, aqui nesta vida e no céu, contanto que, como ela, façamos tudo o que o Filho mandar.

OS DOGMAS MARIANOS ³⁰

"Porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo o nome é Santo"³¹

Todas as criaturas vêm de Deus e são por Ele sustentadas na existência. É este mesmo Deus que, poderoso e fiel, realiza em nós o querer e o executar, segundo a sua Graça e conforme nossa adesão a Ele. O canto de Maria é o reconhecimento de que tanto sua existência, quanto a obra para a qual foi chamada, como também, como também o modo como há de se realizar, é pura iniciativa de Deus. O único que existe e realiza por Si mesmo. Maria reconhece que foi Deus quem baixou os olhos sobre ela e que nela nada existe além do vazio de tudo quanto possa merecer por si mesma a obra realizada em seu seio e em seu coração.

Mas o reconhecimento de sua pobreza nunca a isenta da profunda consciência de sua parcela de responsabilidade na perfeita adesão ao Único, de quem provém todo querer e agir.

Assim se realiza, na Imaculada Conceição, a Maternidade Divina, a Concepção virginal e, ao mesmo tempo de seus dias na Terra, é assumida ao Céu de corpo e alma.

Todo ser humano dotado de livre vontade e inteligência é capaz de reconhecer que tudo recebeu de Deus e de retribuir com amor a bondade de Deus em relação a ele. Dado sermos finitos, não podemos retribuir seu amor infinito na mesma proporção, mas devemos lutar para ao menos alcançar os confins deste amor.

Maria amou a Deus com todo o ser e o amor a uniu tão perfeitamente a Deus, que este a chamou pelo Anjo: "Cheia de Graça". E este amor se manifestou concretamente quando, de plena consciência, ela se deixou usar como instrumento divino. Deixando-se conduzir espontaneamente por Deus, aceitou plenamente Sua vontade sem o menor desvio para a vontade própria.

Consciente de que seus privilégios tinham causa e finalidade, ela os usou perfeitamente para realizar sempre e em tudo a vontade de Deus.

Os dogmas não são construções ou elaborações da Igreja. Eles são a declaração de realidades infinitas, que estão muito acima da razão humana. Por isto, só podemos conhecer tais realidades pela fé. Façamos nosso ato de fé.

São quatro os Dogmas Marianos, ou privilégios concedidos a Nossa Senhora, em favor da redenção dos homens:

- O Dogma da Imaculada Conceição (Festa do dia 08 de Dezembro).
- O Dogma da Maternidade Divina (Festa do dia 01 de Janeiro).
- O Dogma da Maternidade Virginal (Festa do dia 08 de Setembro).
- O Dogma da Assunção de Nossa Senhora (Festa do dia 15 de Agosto).

Dogma da Imaculada Conceição

Somente Deus existe por Si mesmo, ao passo que, tudo o que está fora de Deus recebeu sua

vida de Deus. E não só recebeu sua vida de uma vez, mas a recebe continuamente dele, que preserva todo ser criado.

Nossa Senhora é “Conceição”, porque recebeu sua existência de Deus. Mas sua concepção se distingue da concepção das outras criaturas pelo fato dela ter sido concebida Imaculada, ou seja, sem a mancha do pecado original.

Todos os filhos de Eva nasceram manchados pelo pecado original, menos Maria. Os anjos e os nossos primeiros pais foram criados antes do pecado, mas Maria, numa humanidade já manchada pelo pecado, foi e é Imaculada na sua essência. Ser imaculada pertence à própria essência de Maria, é característica inseparável de sua pessoa. Esta perfeição foi recebida gratuitamente das mãos de Deus e é coerente ao chamado fundamental de sua vida para ser Mãe do Salvador.

Todas as Graças concedidas a Nossa Senhora, assim como as concedidas a todos os homens, se devem a Jesus Cristo, redentor universal. E foi em atenção aos méritos de Jesus, por sua futura morte e Ressurreição, que Maria recebeu, no momento de sua concepção, uma graça preservativa, ou seja, uma graça de preservação contra todo pecado.

Nós homens recebemos, em razão dos méritos de Jesus, a Graça liberativa do pecado. Mas a Liturgia convida os fiéis a unir suas orações pedindo a Deus, por intercessão de Nossa Senhora que “assim como preservaste tua Mãe de todo pecado, por sua intercessão concedei-nos chegar até vós purificados de todo mal”.

Dogma da Maternidade Divina

Todo ser é estruturado segundo o fim para o qual existe. Deus, ao criar Nossa Senhora, modelou-a de maneira favorável ao perfeito desempenho de sua Maternidade Divina. Todo ser de Maria está essencialmente relacionado com sua razão fundamental de existir: ser a Mãe do Homem-Deus.

Maria é Mãe de Deus porque Este assim o quis, numa escolha inteiramente gratuita, assim como livre é a escolha que Ele faz ao chamar cada um de nós à vida. No seio de Maria, por uma especialíssima unidade de pessoa, cumpriu-se de modo único o Mistério da nossa Salvação: o Verbo se fez carne.

Maria é Mãe da Pessoa de Jesus, que é divina. De fato, como toda maternidade, a maternidade de Maria não abrange somente a natureza, nem somente uma parte do filho. Uma mãe, embora biologicamente só gere a carne e alma seja produzida diretamente por Deus, nunca é mãe somente do corpo de uma pessoa. Isto equivaleria a destruir a unidade interna da pessoa, composta de corpo e alma. O Verbo Divino foi gerado, no seio de Maria, lá passando toda uma gestação, de corpo e alma. Este fato não mudou sua humanidade, não a transformou numa “deusa”, mas o Grande Mistério realizou-se, de fato, em seu seio, mistério do qual ela participou ativamente com sua aceitação pela fé.

A vocação de Maria não tem como propósito ela mesma, mas Jesus e sua obra Redentora. Ela se torna Mãe de Deus porque Ele assim o quis, preparando todo o seu ser para tal. Esta maternidade não é fictícia, nem apenas espiritual, mas real. Nela acontece o milagre da união de Deus com a criatura, que é Jesus, Homem-Deus, Mediador entre Deus e o homem.

Porém, não podemos esquecer uma parte fundamental na compreensão deste Dogma: o Mistério da Maternidade Divina acontece com a colaboração fundamental e indispensável por parte de Maria. A adesão ao anúncio do Anjo Gabriel era uma parte que jamais Deus arrancaria, à força, nem dela e nem de nenhum ser humano.

Maria deu seu sim a Deus de forma total e irreversível. Este sim seria o fundamento de sua adesão repetida à vontade de Deus, manifestada durante toda a sua vida. Maria cooperou com

uma parte de seu ser que somente ela poderia ceder.

Com sua fé, Maria colaborou para que fosse levada à plenitude sua própria vida e abriu caminho para que fosse levada à plenitude a vida de todos os seres humanos. Ela não só é Mãe de Deus, mas também é Mãe de Deus em nós, gerando Jesus nas almas de todos os homens.

Dogma da Maternidade Virginal

O homem descristianizado não admite aquilo que não pode ver, pegar, sentir, ouvir ou degustar. E, geralmente, acredita possuir em suas mãos a chave da própria felicidade. Nada pode escapar ao seu controle. Em tal mentalidade não sobra espaço para uma intervenção gratuita e livre de Deus, criador e real Senhor do universo.

A Igreja confessa a virgindade perpétua de Nossa Senhora antes, durante e após o parto, por fidelidade ao plano Salvífico, que decidiu encarnar-se no seio de Maria sem intervenção do homem e o fez, por razões tão profundas que só de forma muito pálida podemos hoje vislumbrar.

Mas a virgindade perpétua de Nossa Senhora é uma realidade histórica e não apenas a expressão simbólica de uma realidade espiritual. Maria fisicamente virgem antes, durante e após o parto é sinal concreto da divindade e humanidade de Jesus Cristo. Cristo foi concebido unicamente por obra do Espírito Santo, sem intervenção de qualquer homem.

Num mundo que tem supervalorizado e vulgarizado as práticas sexuais, em detrimento da sadia vivência da sexualidade e castidade, torna-se difícil conhecer o sentido mais profundo escondido no Mistério da perpétua virgindade de Nossa Senhora.

Maria “Sempre Virgem” (AEI-PARTHÉNOS) expressa a total consagração de Nossa Senhora, em integridade espiritual e corporal, durante toda a sua existência, à vocação para a qual tinha sido chamada por Deus à existência.

Figura da Virgindade da Igreja, que gera, pela sua doação total ao Cristo, os novos filhos do Reino, Maria dá sentido a toda vida consagrada, a toda renúncia humana em prol da fecundidade no Reino. Nossa Senhora aceita ser Mãe de Deus, guiada pelo amor que se consagra totalmente, que quer ser sempre e em tudo doada a Deus.

Que Ela, a Virgem, guarde os nossos corações para o verdadeiro Senhor, e nos ensine a consumir nossos corpos, nossas almas, nossos corações e toda nossa vida no Amor Esposal do Senhor e no serviço ao Reino.

Dogma da Assunção de Nossa Senhora

“Com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, a dos apóstolos Pedro e Paulo e a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos que é dogma revelado por Deus que a Imaculada Virgem Maria, após o curso de sua vida terrena, foi assunta em corpo e alma à glória do céu” (Papa Pio XII).

Assunção significa que Nossa Senhora foi levada para o céu. É esta a diferença entre a palavra “Assunção” e a “Ascensão do Senhor Jesus”, que não foi levado, mas subiu ao Céu por sua própria virtude.

A Assunção de Nossa Senhora é um Dogma de amor por parte do Cristo. Um Dogma de amor à Sua Mãe e a nós, porque tendo Maria ao Seu lado no céu, do céu chove incessantemente Suas Graças sobre nós.

Ao entrar na Glória, a união de Maria com Jesus torna-se sem sombras, definitiva. Agora, no céu ela conhece de modo individual cada um de nós, seus filhos, assim como o poder e o efeito de sua própria intercessão.

Um traço muito importante de sua Bem-Aventurança é que por seu corpo, ressuscitado como o

de Cristo, Maria mantém para conosco uma co-naturalidade física e um conhecimento materno mais íntimo do que os outros santos.

Mas ser mãe não é apenas conhecer, é também agir. Maria exerce uma intercessão universal, uma intercessão viva sobre nós, que procede do amor. Tão unida à Trindade, seus desejos, são os desejos de Deus. A oração misericordiosa da Virgem é assim eficaz, por ser a própria expressão do amor de Deus na Misericórdia. É o poder de Deus que inspira penetra sua oração pelos homens, dando aos seus desejos, o poder de atingir seu objeto.

ORAÇÕES MARIANAS 1 O MAGNIFICAT³²

Para penetrarmos na profundidade do canto do Magnificat, precisamos partilhar os mesmos sentimentos de gratidão, pela eleição misericordiosa de Deus, que perpassavam a alma de Maria e refletiam o sentimento de todo o povo judeu.

O povo judeu sabia que, dentre tantos povos que adoravam outros e diversos deuses, ele havia sido escolhido para ser posse exclusiva do Deus Vivo, seu “povo particular entre todos os povos” (Ex 19,5), através do qual Ele se manifestaria no Messias tantas vezes prometido e tão ansiosamente aguardado através dos séculos.

Educada no Templo aos moldes da pedagogia rabínica, Maria havia decorado as inúmeras profecias que prometiam a vinda do ungido, assim como os Salmos, cânticos e passagens do Antigo Testamento que falavam do poder vitorioso do Deus fiel às Suas promessas.

As palavras do Anjo Gabriel na Anunciação ressoaram poderosamente no coração da Virgem, em primeiro lugar, pela ação singular da graça especialíssima que anunciava, mas também porque no coração de Maria estavam guardadas palavras e promessas nas quais confiava e esperava. A estas palavras uniram-se a evidência do milagre em Isabel e sua saudação inspirada, e todo o ser de Maria explodiu na profunda alegria da certeza de que, dentre o povo separado para Deus, dentre aqueles que eram Sua propriedade particular, ela, em especial, havia sido escolhida para o maior dos privilégios que qualquer homem jamais poderá experimentar, sem que tivesse sequer sonhado com isso:

“Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador”³³

A alegria de Maria vem de Deus e para Ele remete todo o seu ser virginal. Deus é a razão e a referência última de sua alegria. Ela se alegra e exulta em Deus, por causa de Deus e para a glória de Deus. Maria sabe bem que foi escolhida gratuitamente, por pura misericórdia daquele cujos desígnios são absolutamente livres. É então a Ele que sua alma e espírito glorificam e Nele que exultam em entrega absoluta movida pelo reconhecimento de Sua bondade incomparável e pela gratidão de quem se sabe gratuitamente eleita.

“Porque olhou para sua pobre serva”³⁴

Serva. Aquela que vive para fazer a vontade do seu Senhor. Aquela que vê no cumprimento da Sua vontade soberana o único sentido de sua existência. Aquela que jamais sequer cogitaria em viver fora Dele e para outra pessoa a não ser para Ele.

Colocar-se como serva do Senhor é parte essencial de toda a espiritualidade de Nossa Senhora; é a sua maneira de relacionar-se com Deus, de ter a sua vontade unida à Dele em toda circunstância; é a razão de sua participação na missão redentora de Jesus, o eterno e primeiro servo. Ser servo é dizer “sim” não os a Jesus, mas, como Jesus, dizer “sim” ao pai. É aceitar percorrer com Jesus o caminho de salvação, paixão, morte e ressurreição por amor ao pai e para que se cumpra a Sua vontade no coração dos homens. Ser servo é “colocar-se no meio”, com Jesus e em Jesus, sendo mediador entre Deus e a humanidade. Ser servo é deixar que o Espírito inflame de amor nosso coração em caridade, cada vez mais ardente, para com Deus e para com os homens a quem Ele ama.

O servo é aquele que encontrou o caminho mais curto e eficaz para o amor concreto. Seu serviço a Deus enche-o de fervorosa caridade para com Ele, a quem obedece em absolutamente tudo; seu serviço aos homens é um transbordamento amoroso de sua caridade para com Deus e o cumprimento de Sua vontade em Seus filhos. O servo é aquele que segue Jesus e Maria na característica mais singela e, no entanto, mais radical e madura de seu relacionamento para com Deus.

O servo descobre a um tempo o caminho da caridade e da humildade, da perseverança e da fortaleza, da prudência e da obediência, pois seu único referencial é sempre a vontade de Deus, inflamada pelo grande e ardente amor que a Ele o une. A posição de servo, que Jesus assumiu desde toda a eternidade, é a mais segura e a mais perfeita imitação dos sentimentos e obras do Redentor e da Corredentora que, incomparavelmente unida a Ele, mostrou-nos o segredo de em tudo agradecer a Deus.

Jesus é o servo por excelência. Por ser servo obedeceu até a morte de cruz e nos salvou de nossa desobediência original. Maria é a serva, perfeita imitadora do Filho, perfeita participante de sua eterna missão intercessora.

“Por isto, desde agora, me proclamam bem-aventurada todas as gerações, porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é santo”²⁵

Meditando esta parte do Magnificat não se pode deixar de admirar o grau de consciência e perfeita aceitação que Maria tinha de sua missão e vocação. É certo que não conhecia o correr dos acontecimentos futuros, que deveria viver na obediência diária da fé. No entanto, é evidente que, embora sem saber que acontecimentos envolveriam sua missão, Nossa Senhora tinha perfeita disponibilidade e aceitação do que Deus queria de sua vida.

“As gerações todas me proclamam bem-aventurada porque Deus realizou em mim maravilhas”. Fica aqui clara a consciência de sua missão e eleição – “Não haverá jamais alguém tão feliz como eu” e a marca de sua humildade – a missão só se concretiza em virtude do seu livre e contínuo “sim” a Deus.

A bem-aventurada entre todos os homens, durante todas as gerações, prorrompe em louvor terno, fervoroso e amoroso ao Deus santo, poderoso, cuja misericórdia faz maravilhas sem nenhuma explicação que não seja esta própria misericórdia.

“Sua misericórdia se estende, de geração em geração, sobre os que o temem”²⁶

Maria ora agora como membro do povo judeu, eleito e temente a Deus. Fala também, profeticamente, como membro do novo povo de Deus, povo conquistado ao preço do sangue de Cristo e que a Ele aderiu pela graça da fé. Ao mesmo tempo, a Mãe de Deus proclama um princípio eterno: a abertura e a ação da graça por parte dos que buscam viver segundo a vontade de Deus.

“Manifestou o poder do seu braço: desconcertou os corações dos soberbos. Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes”²⁷

Maria conhecia bem o poder da ação de Deus; sabia do que é capaz o Seu braço quando encontra um coração temente, humilde e disponível; testemunhava em seu próprio ser que tudo lhe é submisso.

Maria olha para si mesma, uma anawin, pobre serva de Iahveh e deslumbra-se diante da evidência de que Deus reservou aos mais humildes a mais alta exaltação, que uma criatura humana jamais poderia ter: ser a mãe do Verbo encarnado. Profetiza, também, que esta pequenez deverá ser característica imprescindível a todo aquele que, de fato, for de Deus. Ela será a primeira entre os humildes que, pequeninos, acolherão a revelação da economia do Reino de

Deus.

“Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos”³⁸

No Reino não há lugar para os corações soberbos e nem para os que buscam o poder e as honras, A Boa-Nova não ressoa nos corações ricos de si, apegados a riquezas e prazeres, empanturrados de supérfluos e de aparências, fartos e autossuficientes.

O Reino é anunciado aos pobres, humildes e vazios de si mesmos, que têm fome e sede de justiça e de paz. Estes têm fome de Deus. Colocam-se diante Dele como necessitados, famintos, pequenos. Conscientes de sua indigência tudo esperam daquele que é a salvação. Estes, como crianças pequeninas, acolhem a Boa-Nova, aceitam-na e a vivem.

Não há como nos desviarmos da verdade evangélica que norteou a vida de absolutamente todos os santos: tudo o que centraliza o homem em si mesmo é riqueza que não se coaduna com a pobreza necessária para acolhida e vivência da verdade. Toda posse do desnecessário, ainda que seja um alfinete, é um bloqueio para a ação de Deus na alma que se enriquece e se fecha à graça, porque ama mais a si mesma que Àquele de quem tudo recebe.

Jesus veio para anunciar a Boa-Nova aos pobres, aos humildes, aos que buscam mais o Senhor que a si próprios. Antes que Ele o dissesse claramente, Sua Mãe, cheia do Espírito, compreendeu que havia sido inaugurada uma nova mentalidade, com características desconcertantes: o Deus Vivo escolhia uma pobre menina-moça para, nela, fazer-se um minúsculo ovo; o Deus Todo Poderoso confiava-se a esta mesma jovem e dela dependeria. Antes de qualquer outra pessoa, a Mãe de Jesus aprendera, pelo que Deus nela fizera, a linguagem da Nova Aliança, em que Deus se faz pequeno e servo e ensina este caminho para que, seguindo-o, os homens sejam felizes.

“Acolheu a Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e sua posteridade, para sempre”³⁹

A que extremos chega a humildade de Maria! Sabemos que foi ela que, consultada por Deus, acolheu o Filho do Altíssimo com o seu “fiat”. No entanto, ela não vê este momento como uma acolhida que faz de Deus (ela não se consideraria digna de tanto!), mas a ocasião onde Deus acolhe Israel, servo, escravo, propriedade Sua, entregue a povos e deuses estranhos, empobrecido e indigno de aproximar-se do Todo Poderoso. Na ótica de Maria, a Encarnação do Verbo é o momento em que Deus acolhe Israel; o momento da misericórdia absoluta em que Ele se curava sobre a humanidade para receber a posteridade de Abraão, inserindo-se nela, como Deus e homem.

Na verdade, haveria maneira mais radical e amorosa de Deus acolher o homem do que se tornando homem sem perder a sua identidade divina para, pela morte e ressurreição do Verbo inseri-lo na vida de Deus e habitar em sua alma para sempre? Era, de fato, a inauguração de uma nova economia. Deus não se limitava mais a dizer “façam isso ou aquilo”. Ele agora dizia: “Eu me faço um homem, eu tomo a iniciativa, eu mesmo vou fazer no lugar de vocês, eu acolho vocês sendo um de vocês, porque os amo”.

Lembrado de sua misericórdia, Deus não trata Israel conforme suas obras, mas segundo o seu coração compassivo e fiel. Maria compreende, profeticamente, a implicação do seu “cumpra-se em mim” embora vá continuar a tatear na fé, pela virtude desta mesma confiança absoluta, compreende e assume seu papel e missão na Nova e Eterna Aliança. Para ela contribui, humilde e definitivamente, com sua carne e sangue, com sua entrega de vida, com seu serviço irrestrito, como mulher e como mãe, como judia e redimida, como a Nova Eva que, livre e incomparavelmente feliz, canta as maravilhas do seu Deus.

ORAÇÕES MARIANAS 2 A AVE MARIA⁴⁰

Ave Maria

Salve! Eu e toda a corte celeste nos curvamos diante de ti e te saudamos Maria, Pérola, princesa, Senhora!

Cheia de graça,

Sim, eu, o Mensageiro de Deus, curvo-me diante de ti porque te reconheço escolhida, inteiramente pura, límpido reflexo da glória de Deus.

O Senhor é contigo.

Sem dúvida, vejo-O refletido em ti. Teu rosto transparece o Seu, a Sua graça transborda de todo o teu ser.

Bendita és tu entre as mulheres!

Maria, eu, tua prima e mulher como tu, te reconheço e proclamo bendita entre todas as mulheres de todas as gerações. Ninguém como tu foi escolhida para ser Mãe de Deus! Ninguém é nem será tão plenamente feliz e agraciada como és!

Bendito é o fruto do teu ventre, Jesus!

Jesus, o Filho do Deus Vivo é também fruto do teu ventre. Tens na gestação de sua vida papel único e insubstituível. Ele é também fruto teu no ventre e na formação, na carne e no sangue, na docilidade irrestrita a Deus que Ele gerou em ti.

Santa Maria,

Sim, eu, Igreja, reconheço tua santidade incomparável e em tudo superior ao mais santo dos filhos de Deus, por tua eleição e pelo teu sim.

Mãe de Deus,

Maria, Mãe do meu Senhor, Mãe do Deus feito carne, Mãe do Deus que adoro e sirvo, Mãe de Deus e mãe minha.

Rogai por nós, pecadores,

Tu, intercessora a serviço da Igreja, pede a Deus por nós, os pecadores que a formamos. Sustenta-nos nas provas, ensina-nos teu exemplo, coloca-te entre a nossa miséria e a Onipotência Perfeitíssima, em nosso favor, Virgem Soberana! Ouve o nosso clamor!

Agora

Ora por nós neste tempo que se chama hoje. Lembra-te de nós e não nos desampare enquanto seguimos, peregrinos, as pegadas do Caminho.

E na hora de nossa morte

Na hora da derradeira e definitiva passagem, traz o teu Jesus para ser páscoa conosco, dá-nos o arrependimento perfeito. Como boa Mãe, livra-nos de estar longe do Pai para sempre. Acolhe-nos nos teus braços como acolheste, nesta hora, o teu José.

Amém!

Sim! Assim é, assim seja! Como Jesus, como tu. Seja feita a vontade de Deus. A ela dizemos

amém, como Igreja, como servos do Senhor. Faça-se também em nós, também em nós seja cumprido o amém eterno de Jesus ao Pai.

Também por nossa vida se cumpra este amém até que nada mais importe senão o Cristo Crucificado, até que em nós se cumpra em favor do Seu Corpo o que nos cabe cumprir. Cumpra-se em nós, Igreja, o amém eterno que repetiste.

Repitam nossas almas este “sim” que jamais passará até que no céu, contigo, possamos arder em caridade e servir aos homens que ama colocando-os, contigo, diante de Deus.

ORAÇÕES MARIANAS 3 SALVE, RAINHA!⁴¹

Nós, homens de hoje, imersos em uma civilização paganizada e secularizada, temos dificuldade em nos curvar respeitosamente diante do sagrado. Apoiados em nossa razão elevada a um alto destaque, tendemos a torcer o nariz a tudo o que nos parece “místico demais”, como se tudo o que é místico já não fosse, por si só, “demais”.

Esta nossa mentalidade emerge quando chamamos Maria de Rainha. No entanto, queiramos ou não, ela o é, por ser Mãe do Rei Jesus, por ser participante de Sua missão de Rei, por ter colaborado ativamente em sua missão salvífica e por estar colaborando, ressuscitada e sempre presente, na construção definitiva do Seu Reino.

Maria é a Rainha de todos os que se fizeram seus servos por amor a Jesus e a Ela que O seguiu como ninguém. Assim, curvaram-se diante dela os patriarcas, os profetas, os apóstolos, os mártires, os confessores, as virgens, todos os santos. Mesmo sem a conhecer, os patriarcas e profetas prestaram-lhe a homenagem da fé por aderirem e acolherem a promessa de Deus em Gênesis 3: “Colocarei ódio entre ti e a mulher; esta te esmagará a cabeça quando tentares ferir-lhe o calcanhar”. Foi pela fé nesta promessa de Deus que os patriarcas e profetas conduziram o povo e prepararam a vinda do Messias.

Tendo-a conhecido, os apóstolos ‘contemplaram’ Maria através de Jesus, como ‘olharam’ Jesus através de Maria (cf. RM,26). Conhecendo e convivendo com Maria, os apóstolos viam Maria como “uma palavra permanente sobre Jesus”⁴². Conviviam com aquela que fora a primeira a crer (cf. RM,26), bebiam de sua fé e confiança, alimentavam-se com sua espiritualidade, extasiavam-se ao ver nela a presença de Jesus e, em especial, serviam-na como Mãe do seu Rei.

Os mártires de todos os tempos participam da fé incondicional de Maria. A fé que os sustenta é a mesma graça vivida e mediada pela Mãe de Deus. Participam, assim, da vocação de total entrega ao plano de Deus e radical prova de fé de Maria. Como sua Rainha e, portanto, modelo venerado e imitado, os mártires são felizes “porque acreditaram” no que lhes havia sido dito por parte de Deus. Como sua Rainha, uniram pelo sangue a sua vida à vida do Filho de Deus. Como a Mãe, foram vencedores na prova.

O sacerdote é figura de Cristo na Igreja. É portador do indescritível privilégio de ter sido escolhido para ser outro Cristo, dispensador das graças do céu. Ao ministrarem o perdão, os sacerdotes anunciam a salvação que vem pela misericórdia de Deus. Repetem, em cada absolvição, o Magnificat que sua Rainha cantou. A cruz que fazem com a mão atesta que, como em Maria, também neles o Senhor fez maravilhas, ao elevá-los a serem figuras do próprio Sumo e Eterno Sacerdote. Sua mão que ministra o perdão proclama a misericórdia de Deus que se estende de geração em geração através de seu ministério. O perdão ministrado à alma arrependida e humilhada por seus pecados eleva-o como o Sacerdote Eterno eleva os humildes. Por suas mãos são saciados de bens os famintos, que chegam necessitados e humilhados e saem de mãos vazias. Que outra Rainha poderiam ter os confessores? Quem mais retrataria tão bem em um só cântico todo o mistério de eleição, mediação, misericórdia e alegria da restauração e salvação contidos no sacramento da confissão?

A Rainha das Virgens é acolhida, pelos que se entregam à imitação mais perfeita de Jesus, como aquela que viveu e vive em sua virgindade a maternidade de Jesus e a maternidade espiritual de milhões de filhos de Deus, em todos os séculos e para sempre. Têm Maria como Rainha que imitam porque desejam entregar incondicionalmente a sua vida para a geração de filhos e filhas de Deus. Como sua Rainha, desejam participar em sua carne e espírito da missão salvífica de Jesus por amor obediente e casto a seu Esposo.

Maria é também a Rainha dos Anjos. Nela, reconhecem a face de Jesus. Nela reconhecem a mais perfeita das criaturas, superior a todos eles. Nela contemplam o Verbo Encarnado. Nela reconhecem o modelo de todas as virtudes. A ela servem, solícitos, servindo aos homens por quem ela intercede.

Como seria possível que todos os santos não reconhecessem Maria como sua Rainha? Na terra, curvam-se diante daquela que venceu todas as batalhas que suas almas lutam por vencer e, buscam imitar o grande modelo dos imitadores de Cristo. No céu, correm a beijar seus pés, gratos pelo auxílio inestimável em sua caminhada para Deus; gratos por ter ela dito “sim” à proposta do Pai; gratos por ter-lhes trazido à terra seu Senhor, Esposo e Salvador; gratos por terem-nos precedido e apontado o caminho.

Rainha concebida sem pecado original, Rainha assunta ao céu! A mais perfeita criatura, a esperada por milênios, o espelho da justiça de Deus, o vaso honorífico, a arca da aliança, o sonho de Deus! A qual outra criatura Deus deu o incomparável privilégio de ser concebida sem pecado original, livre, por antecipação dos méritos de Jesus, da culpa que afasta de Deus todas as gerações? Todo o ser de Maria “foi vivificado; porque Deus ressuscita todo aquele que tem germes de graça; em Maria não houve pecado; todo seu ser foi instrumento de amor, sua alma e seu corpo; em Maria não havia desperdício. Ela teve de ser ressuscitada totalmente! E foi totalmente recuperada! E, quando alguém chega à sua plenitude no Deus-onipresente, essa pessoa não se perde, não se afasta, mas se recupera, se aproxima, vive vivificando: ‘vai e fica’. Maria ‘foi e ficou’, por inteiro, corpo e alma”.⁴³

Com que outro nome senão o de Rainha esta que foi o “sonho lindo de Deus” poderia ser chamada? Se Ele a elevou a tão altas honras, quem seríamos nós, pobres pecadores, para não reconhecê-la Rainha e aprender dela a amar Jesus?

O Santo Rosário é permeado da figura de sua Rainha. Ativa e presente em todos os mistérios gozosos; presente, orante e silenciosamente unida aos sofrimentos do Filho, nos dolorosos; agente da construção da Igreja e glorificada no céu e límpida na alma de todos os que rezam o rosário.

A presença de Maria precede a de Jesus, na Anunciação e vai ao encontro da Dele que a coroa no Céu. Com esta sua caminhada de fé, dor e glória, precede-nos no caminho. Desvendando, no rosário, sua presença em todos os grandes momentos de “passagem” da história da Salvação, a Mãe da Igreja, a conduz por estes momentos de cruciais transições. Testemunha da passagem do Antigo para o Novo Testamento, da vida oculta à vida pública de seu Filho, de Sua passagem deste mundo para o Pai, da Igreja pré-pascal para a pós-pascal, indica-nos, nos dois últimos mistérios, as maravilhosas perspectivas que, segundo a ordem da graça e nossa correspondência a ela, se abrirão para todo o que viver santamente. A Rainha do santo rosário aguarda, nos dois últimos mistérios, todos os seus filhos para a participação final da humanidade na glória que lhe foi dada pelo Filho.

Nós que vivemos o prelúdio de uma nova época, podemos ter certeza de que esta Rainha que vai adiante de nós nos mistérios do Rosário realizará também as maiores maravilhas no final dos tempos. Maria, que, na “noite da espera do advento, começou a resplandecer como uma

verdadeira Estrela da manhã” (...) é hoje “presença singular na história, especialmente durante estes últimos anos, anteriores ao ano 2000”. (RM,3)

Maria é, finalmente, a Rainha da Paz. Mãe do Príncipe da Paz, é aquela que vivenciou de maneira mais radical e profunda a “paz que o mundo não dá”. Desde a sua concepção imaculada, Maria vivenciou, por antecipação dos méritos de Jesus, o “shalom”, que para os hebreus significa a plenitude da paz espiritual, psicológica e social. Foi a primeira criatura humana a experimentar esta paz e viver de acordo com ela a serviço de Deus e dos homens. Por outro lado, foi a única criatura humana que vivenciou plenamente o “shalom” e que o viu, levado às últimas consequências, em sua ressurreição e assunção ao céu.

Rainha dos anjos, dos patriarcas, dos profetas, dos apóstolos, dos mártires, dos confessores e das virgens, de todos os santos; Rainha concebida sem pecado original e assunta ao céu; Rainha do santo rosário, Rainha da Paz, “sê em nosso favor, Virgem Rainha, Virgem soberana, e livra-nos do inimigo com o incomparável valor que a paixão e ressurreição comunicaram ao teu ser. Deus te salve, Virgem Senhora do mundo, Rainha dos céus e das virgens, Virgem!”

Salve, Mãe!

“Salve, ó Rainha, Mãe de Misericórdia! Vida, doçura, esperança nossa, salve!” A Rainha curva-se sobre os homens para exercer sua eterna vocação de Mãe. A Rainha exerce sua missão de ser Mãe de Misericórdia, pois é a Mãe de Deus misericordioso e Mãe de Jesus Cristo, a misericórdia de Deus encarnada. A Mãe do Criador é também Mãe do Salvador e, por Sua determinação, torna-se Mãe da Igreja e Mãe de todos os homens.

A mãe gera e dá vida, educa e forma, vela e intercede. O Espírito Santo gerou Jesus em Maria que lhe deu sua carne e seu sangue e que teve em si, em corpo, sangue, alma e divindade, Aquele que é “um com o Pai”, que tem a natureza divina e a natureza humana em uma só pessoa. Tornando-se mãe do Filho de Deus, é Mãe do próprio Deus, pois o Filho e o Pai são um, assim como são um o Criador e o Salvador.

A Mãe de Misericórdia derrama sobre todos os homens e sobre a Igreja as graças que lhe confia o Filho. Como medianeira entre Deus e os homens, a Mãe da Divina Graça derrama sobre nós a graça de que necessitamos para fazer a vontade de Deus. A misericórdia da qual é intermediária não se reduz a ter pena dos nossos sofrimentos, mas é uma ativa mediação e materna presença no mais autêntico de todos os atos de misericórdia: levar para Deus. Diz S. Luís de Montfort: “A formação e a educação dos grandes santos, que viverão até o fim do mundo, estão reservadas a Maria, pois somente esta virgem singular e milagrosa pode produzir, juntamente com o Espírito Santo, coisas singulares e extraordinárias.” A Mãe da Divina Graça, Mãe de Misericórdia produz em nossas vidas o relacionamento santo e obediente a Deus. Este é o grande ato de misericórdia da Mãe da Igreja, Mãe de todos os homens, Mãe do Bom Conselho, que, no Espírito, nos precede e nos impulsiona para Deus.

Graças a Deus vemos engrossar no mundo de hoje as fileiras dos que, apesar de toda a maré de paganismo, vão aderindo à graça de Deus mediada por esta Mãe intacta, virgem antes, durante e após o parto, que levou F. Foresti a afirmar: “Maria é a fresta através da qual se abre na história um espaço salvador, o sábado escatológico”.

Diante de tal Mãe que contém e contempla o segredo da vida, pasmos diante de tanta doçura solícita e serviçal para conosco, podemos afirmar com segurança que esta “fresta” da eternidade para a nossa história é também nossa esperança de sermos santos pelo cumprimento da vontade de Deus.

“Mãe de Misericórdia, Mãe de Deus, ouve nossa oração. Toquem em vosso coração os

clamores de todos os homens, tu que, sendo Mãe, és também vida, doçura e esperança nossa!”

A vós bradamos os degredados filhos de eva

Nós, homens e mulheres deste tempo de incredulidade e de pouca fé, somos, de fato, degredados e filhos de Eva. Sofremos o degredo do estado de pureza e graça de que gozávamos antes do pecado original. Estamos, ainda, expulsos do paraíso, em triste separação e degredo da visão beatífica de Deus. Somos, em maior ou menor intensidade, filhos de Eva, a primeira mulher que, sendo mãe de todos os viventes, introduziu, com Adão, o pecado no mundo.

Nós, os degredados filhos de Eva, levantamos os olhos para a Rainha, para a Mãe Clemente e nela reconhecemos a “Nova Eva”, a verdadeira ‘Mãe dos vivos’. Eva, na verdade, é mãe de nossa carne e, infelizmente, do pecado de origem no qual todos fomos gerados. Jesus, porém, nos apresenta uma nova Mãe. Na Anunciação, por toda a sua vida e diante da cruz de Jesus, o “sim” de Maria, tão radical e absolutamente unido ao de seu Filho, anula o “não” de Eva e nos introduz em uma vida nova, redimida, onde encontramos a doçura de sua maternidade espiritual.

Esta Virgem e Mãe Clemente, doce e piedosa, ensina-nos, em sua piedade, a amarmos as coisas de Deus, a tirarmos os olhos dos apegos e preocupações que nos escravizam e a nos jogarmos, livres e abandonados naquilo que Deus nos propõe como caminho e vida. Sua clemência nos leva para Deus; sua doçura nos conduz sem que sequer percebamos; sua piedade nos contagia e leva a amar a Deus sem impor condições. É a ela que, de fato, devemos bradar, clamando por socorro em meio aos muitos perigos de incredulidade que nos cercam.

A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas

Não há dúvida de que “estamos vivendo uma ‘nova situação’ mundial. Os últimos anos deste século estão vendo surgir um novo tipo de civilização planetária, intercultural, uma nova forma de se entender a religião, a política, a sociedade, a economia, a ecologia, a informática de efeitos incalculáveis (...) Deus e o homem livre se encarregam de introduzir na História variantes insuspeitas, desconcertantes”.⁴⁴ Apesar e, em parte, devido a este momento de transição, continuamos, dentro de nós, com grande sede de Deus. Recusamos as caricaturas de Deus exatamente porque há em nós a sede do Deus verdadeiro, que está em nós e, a um tempo, é uma pessoa inteiramente livre e independente de nós.

A humanidade de hoje também geme, chora e sofre e ainda está, sob muitos aspectos, em um vale de lágrimas. O impressionante avanço da tecnologia contrasta com a solidão que oprime milhões de pessoas. Outras tantas pessoas morrem à míngua enquanto avançadas e bem sucedidas pesquisas genéticas garantem colheitas mais amplas e de melhor qualidade às quais não têm acesso. Urge, por outro lado, um novo tempo de evangelização com poder e eficácia que oriente para a mentalidade do evangelho a visão materialista, egocêntrica e paganizada que faz do homem de hoje um escravo.

Neste contexto surge a “Mulher de todos os adventos”.⁴⁵ O Espírito vem suscitando cada vez mais vigorosamente, na Igreja, uma verdadeira devoção e imitação de Maria. É como uma plantinha ainda pequena, mas já vigorosa, que indica a quem os homens devem suspirar em seu vale de lágrimas, enquanto gemem e sofrem as consequências de seu próprio pecado.

Sabemos que “casa vez que avançamos no tempo – se vivemos a espiritualidade messiânica e profética própria do cristianismo -, mais nos aproximamos do momento da instauração definitiva do Reino de Deus, mais próxima se faz a graça, a esperança”.⁴⁶ A “Mulher de todos os adventos”, através de quem se cumpriram todas as promessas messiânicas, volta a despontar, aqui, como presença ativa da preparação deste reino definitivo e dispensadora desta graça e esperança escatológica.

Com razão devemos a ela clamar, como humanidade que geme e chora neste vale de lágrimas, para que ela apresse a hora da salvação. Deus mesmo a constituiu “advogada nossa”, que foi á frente de cada homem na obediência da sua fé e que hoje advoga a nossa causa no céu, como mãe, intercessora e rainha. Seus “olhos misericordiosos” estão constantemente volvidos para nós, não só pelo exercício de sua vocação materna e fiel, mas por serem olhos dos nossos olhos, assim como ela é carne de nossa carne humana, mas inteiramente redimida.

É pelas mãos desta Virgem poderosa e fiel, cujo poder emana do próprio Deus, que nós, “depois deste desterro” da pátria celeste vamos ser apresentados a Jesus, “bendito fruto do vosso ventre”. Ela, que é o refúgio dos pecadores, o auxílio dos cristãos e a consoladora dos aflitos, vai-nos apresentar finalmente ao seu Deus e nosso Deus, como Porta aberta do céu para nós.

Com muita segurança e razão devemos a Ela nos consagrar, ou como aprofunda João Paulo II, a abandonar-nos e nos entregarmos como filhos à mãe e, à sua imitação, formarmos uma Igreja recordada de sua vocação para ser santa no seguimento radical a Jesus Cristo, inteiramente entregue ao Senhor com e pelas mãos de Sua Mãe. Teremos então uma humanidade nova, saída do desterro, vitoriosa sobre o vale de lágrimas, com homens e mulheres novos, conscientes de sua vocação e missão, que amem a Deus acima de todas as coisas e de si mesmos, que construam o Reino da verdade, justiça e paz ainda que com o custo de sua própria vida.

Enquanto peregrinamos, com os olhos fixos na Mãe de fé, como João Paulo II na *Redemptoris Mater*, a ela clamamos: “Socorro!” “Socorrei, sim, socorrei o vosso povo que cai”! (RM, 52). Rogai por nós, santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

O MUNDO CONSAGRADO A MARIA⁴⁷

Novembro de 2000. Estou em Natal quando me chega de Fortaleza, redigida em um bilhete apressado, a notícia: o Santo Padre decidira dedicar o terceiro milênio a Nossa Senhora! Foi difícil ficar calada. Já há algum tempo repetia, brincando: “Se eu fosse o papa, depois dos três anos dedicados à Trindade, dedicaria a Nossa Senhora o ano 2001”.

Nesse dia, surgiu a brincadeira na capital do Rio Grande do Norte:

“É por isso que você não é papa. Você iria dedicar apenas um ano a Maria. O Papa consagrou logo TODO o milênio à Mãe de Deus!” “Têm razão”, respondi-lhes. E continuei a brincadeira: “Esta é a “única” razão pela qual Deus não me fez papa... Nem homem... nem sacerdote... nem santa!”

Para aumentar a alegria, soube, na volta, que o Santo Padre não havia consagrado o milênio, mas o mundo inteiro ao Coração Imaculado de Maria, em uma bela oração que também nós deveríamos fazer, consagrando à Mãe de Deus, além do mundo inteiro, a Igreja, nosso apostolado, a nós mesmos e a nossa família. Mas, qual o significado da palavra “consagrar”? O que significa consagrar o mundo à Imaculada Conceição? “Consagrar”, o que significa?

Em hebraico, a palavra *Kadosh* significa “santo, separado”. É um termo utilizado em referência a Deus, o único Santo. Para as pessoas “santificadas”, ou “separadas” para Deus, posse exclusiva de Deus, que chamamos “consagradas”, os judeus utilizam o termo *Kiddushin*, que se refere, entre outras coisas, à santificação pelo casamento, quando o noivo é separado, exclusivo para a noiva, e vice-versa, e ambos são separados para Deus.

O mesmo termo é utilizado para o povo de Israel, povo “separado para Deus” através de uma aliança. A esse povo Deus refere-se inúmeras vezes, do Gênesis ao Apocalipse, como “esposa”, “noiva”, “desposada”, amada (cf. Ez 16; Os 2,42-5 e 3; Ap 22,17; Ef 5,25).

Desse modo, consagrar uma pessoa, um casal, um povo, um local, um objeto, um animal, um alimento a Deus, é torná-lo santificado, porque exclusivamente pertencente ao Santo, que é Deus. Daí ser proibido utilizar para outros fins os animais, a comida, objetos ou locais consagrados a Deus, separados para Ele.

Para os judeus, o lugar “santo por excelência” era o Templo de Jerusalém, no qual habitava o “Santo”, em especial no recinto chamado “Santo dos Santos”, onde era guardada a Arca da Aliança com as tábuas da Lei e a vara de Aarão (cf. Hb 9,4).

Quando nós católicos utilizamos a palavra “consagrar”, mantemos o mesmo sentido: “separar para Deus”, “tornar sagrado”, “tornar santo porque pertencente exclusivamente ao Santo que santifica tudo o que lhe pertence, tudo o que toca”. Também nós não podemos utilizar para fins não litúrgicos os vasos, utensílios e objetos sagrados da liturgia, por exemplo, nem podemos desrespeitar as imagens, os ícones, os livros sagrados, as igrejas e capelas e – inimaginável! – o Tabernáculo ou Sacrário, onde está presente em corpo, sangue, alma e divindade, o próprio Deus. Tudo o que pertence a Deus, tudo o que serve a Ele é santo, é sagrado, porque Deus o santifica com sua presença, sua Palavra, como sua posse exclusiva.

Ao consagrar o mundo à Imaculada Conceição, o Santo Padre o separa para Deus, fá-lo posse

Dele, a quem Maria pertence inteiramente. Deus o santificará. Ele, juntamente com sua Mãe, não permitirá que nenhum mal o toque.

Além disso, tanto judeus como católicos temos uma convicção de base sobre a consagração: só Deus pode consagrar algo, apossar-se dele amorosamente, separá-lo para si. Tome-se como exemplo os votos (cf. At 21,24 e Nm 6,14) feitos pelos judeus ou casos como o de Caim e Abel e o de Esaú e Jacó. No primeiro exemplo, toma para si (consagra, separa, santifica) a oferenda pura de Abel, mas não toma para si a oferenda inadequada de Caim. No caso de Esaú e Jacó, abençoa o mais novo ao invés do mais velho, conforme profecia por Ele mesmo inspirada, sendo, assim, fiel às Suas promessas.

Nestes e em outros casos do Antigo Testamento, fica claro que a consagração é iniciativa de Deus, que só Ele tem o poder de consagrar, de separar para si, de santificar, de abençoar, segundo os mistérios de sua misericórdia. Em alguns casos, Ele toma essa iniciativa em previsão do “sim” com o qual lhe corresponderá seu eleito, como no caso de Moisés, Davi, Jeremias, Isaías, João Batista e do próprio povo eleito.

Em outros casos, Ele confirma a consagração feita como voto ou promessa, pela própria pessoa ou por seus pais. É o caso, dentre outros, de Samuel e Sansão, consagrados pelas mães (entre os judeus a descendência vem pela mãe e a ela cabe a escolha de consagrar o filho a Deus, o que, no caso da consagração do mundo a Maria é extremamente significativo), ou de Judite, Débora, ou da profetisa Ana, que se consagraram inteiramente a Deus e, pela evidência dos frutos de suas vidas, foram santificados por Ele (cf. 1Sm 1,19-28 e Lc 2,36-38).

Em Jo 20, Jesus reitera, em nível da Igreja e do sacerdócio comum dos fiéis leigos, o poder dos votos, das consagrações no Antigo Testamento, ao afirmar que o que ligarmos na terra será ligado no Céu e o que aqui desligarmos por Ele será desligado (cf. Jo 20,22s). Os Atos dos Apóstolos estão repletos de narrativas desse tipo, quando o Senhor confirma com sinais as palavras dos apóstolos. Os casos de Ananias e Safira e do mago Simão (cf. At 5,1-11 e 8,9-25) são exemplos eloquentes do cumprimento desta passagem de João.

Deus leva a consagração muito a sério e é fiel a ela. Esses exemplos nos mostram como a consagração é levada a sério por Deus, como Ele cumpre fielmente sua parte nessa santificação, nessa posse exclusiva, santificante e zelosa do que Lhe é consagrado. Livre-nos Deus de violar uma dessas separações e de acontecer-nos o que sucedeu a Nabucodonosor segundo narrativa no livro de Daniel (cf. Dn 4).

Jesus, em seu batismo, foi “consagrado pela unção”, como Ele mesmo diz em Lc 4. Esta consagração lhe valeu o título de Ungido (Messias, em hebraico; Cristo, em latim). Jesus é o Ungido de Deus, o Ungido por excelência, Ungido por Deus em vista de sua missão. Pelo sacramento do Batismo, todos somos consagrados a Deus. Todos somos santificados – “povo santo” – separados exclusivamente para Ele – “raça escolhida” – pertencemos a Ele. Em Jesus Cristo somos ungidos “sacerdócio régio”.

Na vida adulta, esta consagração especifica-se pela consagração no estado de vida no qual o Senhor deseja que O sirvamos: matrimônio, celibato consagrado ou sacerdócio. Ah! Se compreendêssemos a profundidade desta consagração do estado de vida! Se mergulhássemos na beleza desta consagração para a construção do Reino e para toda a eternidade! Muita coisa seria diferente, muitos conceitos mundanos teriam deixado de atingir os cristãos... Mas essa é outra história. Vamos a Maria.

O que significa consagrar o mundo à Imaculada Conceição? Dentre as criaturas, Maria é a consagrada por excelência. Foi consagrada, isto é, separada, desde sua concepção, quando, toda de Deus, foi concebida sem o pecado original. O próprio Deus, assim, a separou, consagrou-a

desde sua concepção. Foi separada para Deus durante toda a sua vida, pois, ainda que sujeita aos sofrimentos da humanidade, nunca pecou. Celebrou, finalmente, sua pertença a Deus, sua consagração, seu “ser separada”, seu “ser toda de Deus” na Anunciação, quando o anjo levou-a a compreender três perguntas básicas para todo homem e mulher:

- Quem sou eu?
- O que Deus quer de mim?
- Como se cumprirá o que Deus quer de mim?

As respostas do anjo, todos conhecemos:

- Tu és a *kekaritomene*, a inteiramente plena da Graça, a plena de Deus!
- Deus quer que tu sejas a Mãe do Salvador!
- O Espírito Santo virá sobre ti!

As respostas e reações da Miryam de Nazaré, também as sabemos de cor:

- Silêncio.

Maria perturbou-se, espantada como alguém, uma criatura, poderia ser inteiramente habitada por Deus, pois em sua mentalidade judaica, uma criatura não poderia sequer ver o Criador (cf. Ex 33,20), ou – especialmente uma mulher – não sendo sumo-sacerdote, sequer aproximar-se e entrar no Santo dos Santos (cf. Hb 9,7).

O Templo de Jerusalém era a morada de Deus! Nenhuma criatura era a morada de Deus! Como uma moça de quinze anos, judia e temente a Deus, não se perturbaria com semelhante saudação? A obediência da fé, porém, superou todo o condicionamento cultural, todo o aparente absurdo da situação e Maria respondeu com a segunda mais bela de suas respostas: o silêncio.

Ao anúncio do anjo de que seria a Mãe do Salvador, a Mãe do Ieshuah, nossa judia de quinze anos, terá talvez se lembrando das dezenas de *Ieshuah* que conhecia. Terá talvez vindo à sua memória a profecia de Isaías, que levava muitas jovens mães judias a colocar o nome de *Ieshuah* – “aquele que salva” – em seus filhinhos, na esperança de que viriam a ser a Salvação esperada por Israel.

Mais uma vez reagiu pela obediência da fé e, ao invés de buscar em sua humanidade a solução mais lógica – lembremo-nos de que estava para celebrar o *kiddushin*, o casamento, com José – buscou a orientação do Céu e respondeu com a pergunta de quem deseja obedecer fielmente às suas orientações: “Como?”

A resposta do anjo, já a lemos. Já a conhecemos. A de Miryam também, pois antes de conceber Jesus em seu seio ela o concebera em seu coração. Ela dá ao anjo a mais bela dentre as suas respostas, repetida infinitamente ao longo de sua vida na terra e no Céu: “Sim, faça-se!”.

O Verbo, então, faz-se carne e santifica com Sua Presença, com Seu toque, infinitamente, a que já era consagrada, a que já era separada, única, diferente de todas as mulheres porque inteira e incondicionalmente de Deus. A Consagrada, ao possuir o Filho, foi possuída por Ele, tornou-se concretamente, em seu espírito e também em seu corpo, em seu passado e muito mais no agora e no futuro de sua história, a Separada, a Consagrada, a Única, a Toda exclusivamente de Deus que se fez todo dela e todo nela.

Uma anunciação às portas do Terceiro Milênio

Consagrar o mundo à Mãe de Deus é retornar a esse momento da Anunciação, como Papa, como Igreja que tem o poder de ligar e desligar as coisas na terra e no Céu pela autoridade que lhe deu o próprio Jesus. Separar o mundo antes do nascimento do terceiro milênio, para que seja o mundo da Mãe de Deus é ajoelhar-se diante dela, humilde, reverente, como o anjo, e, antes que

o milênio raie, pedir-lhe permissão para colocar nela, no seu ser, os bilhões de homens hoje vivos e todos os que nascerão até o fim da História. É esta a vontade de Deus que a Igreja intermedeia.

A resposta de Maria a seus filhos, à Igreja, ao Santo Padre?

“Sim! Sim! Sim!”, com a imensa, indizível alegria da Mãe aos pés de nossas cruzes e em meio aos nossos pentecostes.

Em seu coração, aos pés da cruz, já não nos havia acolhido? Em seu ventre, com Jesus, já não havia aceitado gerar-nos? Em sua permanente contemplação de Deus e atividade intercessora no Céu, não nos tinha já feito parte de sua história gloriosa? Também a nós a Mãe gerou antes no coração e, somente depois, na própria carne.

Com a consagração do mundo a Nossa Senhora, a Igreja, em nome de toda a humanidade, grita – a um tempo aflita, a pedir socorro; a um tempo confiante e aliviada, como quem finalmente descansa – clama, sussurra doce, emocionada, finalmente!, o seu “Sim!”, a sua parte nesta consagração nascida do coração de Deus e que aguarda, há milhares de séculos, nosso “sim”.

A Mãe diz “sim!”, a Igreja responde “sim”! Está, mais uma vez – selada a nossa parte da aliança ao pé da Cruz. Está selada nossa parte da consagração, aguardada por Deus desde que nos criou, pois Ele nos criou para si. Pela voz do João Amado de hoje nos unimos à voz do João Amado da Ceia, da Cruz, de Patmos. Levamos Maria para a nossa casa e nossa casa se torna a casa dela.

Em meio à nossa arrogância tecnológica, aceitamos nos tornar pequenos e descansar em seu ventre para sermos gerados, gestados com Jesus, em Jesus, por Jesus. Aceitamos, docilmente, ser filhos dela.

Neste imenso, intangível momento de anunciação, pequenos, tornamo-nos frutos do “Sim” que o Pai respondeu ao “não” do Homem. Dócil, obediente, feliz, a Mãe abraça este “Sim” acolhendo-nos nela, em seu coração, em seu ventre glorioso, dizendo a mais bela, a mais característica de suas respostas: “Sim! Sim, João Paulo; sim, Igreja do meu filho; sim, filhinhos; sim, Pai, porque esta é a tua vontade e também a minha, é a tua e minha alegria!”

Consagrar o novo milênio à Imaculada significa dizer: “Mãe, eis-nos aqui. O Pai, fiel às suas promessas, liga no Céu o que o Papa ligou na terra. Portanto, somos teus. Todos teus. Tu, como boa mãe judia, apresenta-nos, separa-nos, consagra- -nos inteiramente a Deus, guarda-nos como posse exclusiva dele. Faze-nos nascer de novo, agora, não mais no pecado, mas em ti, Imaculada. Gesta-nos em teu ventre. Faze-nos vir à luz em novo parto virginal. Educa-nos para Deus, como consagrados, assim como fez Ana, a mãe de Samuel, assim como fez Isabel com o pequeno João. Aceita nossa consagração a Deus em ti, a Consagrada. Em ti, Consagrada, somos consagrados a Deus!”

Significa, igualmente, ouvir dela:

“Fiquem tranquilos. Por fim, meu Imaculado Coração triunfará”.

SE EU FOSSE NOSSA SENHORA...⁴⁸

Não sei se você já se perguntou porque Nossa Senhora nunca apareceu no Brasil. Sei bem que ela tem aparecido a algumas pessoas aqui e ali. Refiro-me às aparições grandes, famosas, para muita gente, reconhecidas pela Igreja, com uma mensagem a nível universal, algo que nos propusesse uma missão de alcance mundial, como em Fátima, que nos lembrasse algo importante, como em Lourdes, questionasse os valores de nossa sociedade, como em Medjugorje, ou que se solidarizasse com o sofrimento humano, como em La Salette.

Para ser bem franca, acho que qualquer coisa nos serviria. Bastava que ela aparecesse pessoalmente. Hoje, dia de Nossa Senhora Aparecida, não consigo controlar a pergunta que me inquieta: “Mas porque, Maria, você não aparece por aqui a não ser no fundo dos rios e igarapés em forma de imagem de barro? Se imagens tuas reúnem milhões em Belém e centenas de milhares em Aparecida do Norte, já pensou o que seria se você aparecesse de verdade?”

Maria não me respondeu, mas fiquei a imaginar o que me diria. Será que responderia que a nós, brasileiros, basta a graça de Deus? Ou que são felizes os que creem sem ver? Ou que não encontrou fé bastante sobre nossa terra? Ou ainda que não nos comportamos de forma a apressar sua visita? Ou que aqui a criação não geme e sofre dores de parto por uma manifestação de Deus? Ou que, se não ouvimos os profetas, também não a ouviríamos ainda que descesse do Céu? Ou que, como afirmamos, Deus é brasileiro e isso já é suficiente para a gente não precisar que ela apareça?

Não sei se ela escolheria uma dessas justificativas. Só sei que nossos jovens precisariam imensamente de uma aparição da Virgem em sua pureza, a conclamá-los à castidade, à continência, ao amor que diviniza o homem e a mulher. Como seria bom se Nossa Senhora aparecesse com uma mensagem assim para os jovens! Somos, ainda, mas por poucos anos, apenas, um país de jovens. Daqui a 50 anos seremos um país de velhos. Vê, Maria, você tem pouco tempo.

Outra ideia seria ela aparecer como em Cotignac, com o Menino, São José (que não apareceu junto com eles, mas a poucos quilômetros dali) e o Arcanjo Miguel. Já pensou? Seria uma mensagem formidável para as famílias, cujos membros não se relacionam mais com vistas ao amor, cujos pais perdem a referência de autoridade, cujos filhos são criados sem limites, cujas mães se ausentam de casa para trabalhar, estudar, servir usando para estas atividades o tempo dos filhos. São Miguel, de quebra, na aparição, exorcizaria todo espírito de desconfiança, de divisão, de desunião! Fantástico!

Se nenhuma dessas ideias lhe servisse, poderia aparecer a alguma adolescente pobre, como a Bernadete. Alguma humilde como ela, inocente como ela, pobre e enferma como ela. Talvez atraísse nossas adolescentes que, nem bem toma forma o corpo, vendem-se nas praias em degradante turismo sexual e se desmancham em seguidos abortos, gonorreias e HIVs.

Outra sugestão seria aparecer para algumas crianças de qualquer favela, qualquer morro, qualquer colônia de pescadores ou aldeia indígena. Poderia pedir a construção de uma igreja onde sua figura permaneceria pelos séculos, como em Guadalupe. Poderia falar-lhes algo

importante sobre o Menino Jesus, sua encarnação e missão no mundo. Poderia consolá-los dizendo como neles vê o seu próprio Filho, como os ama ainda que estejam largados nas ruas, ainda que não tenham escola, saúde, perspectiva de trabalho, amor e presença dos pais, ainda que sejam usados por traficantes, ainda que se lhes coloque uma arma nas mãos.

Ao invés de azinheiras, montanhas e grutas, poderia aparecer sobre um ipê, uma duna, em uma praça de alimentação, uma lan house, uma praia. Qualquer coisa, mas qualquer coisa, mesmo, nos serviria, desde que ela aparecesse, com grandeza e visibilidade, no Brasil. Se seu vulto no vidro de uma janela rendeu dezenas de reportagens na tv, já pensou o que aconteceria com uma aparição de verdade?

Teria mil argumentos para convencer Nossa Senhora. No entanto, ela não aparece. As filhas de Maria envelhecem a recitar o terço, as mil ave-marias se multiplicam nas casas, capelas, igrejas. O terço dos homens se multiplica nas esquinas, nas paróquias, nos escritórios, mas ela não aparece.

Vem-me, então, outra pergunta: “E se aparecesse, alguém mudaria de vida? Será que não suscitaria apenas mais uma enxurrada de devoções, de crendices, superstições que substituem as exigências da conversão ao Evangelho por palavras e rituais?” Talvez. É assim, muitas vezes, entre nós. Logo aparece uma novidade, uma devoção “forte” e substituímos a necessidade premente de conversão por rezas e novenas sem fim. Claro, elas não são más, de forma nenhuma. Mas não exigiriam mudança de vida?

É... Preciso desistir de tantas perguntas. Examinando bem, os videntes tinham uma vida santa antes de verem Nossa Senhora, ainda que, como no caso de Juanito, não conhecessem nossa fé. Mais que grutas e azinheiras, Nossa Senhora precisa de um coração aberto e uma vida disposta a ser totalmente modificada pela superexposição, perseguição, chacota e, especialmente, pelo poder devastador da graça recebida. Talvez, neste momento, ela esteja em busca de alguém assim, aqui mesmo, no Brasil, país de nenhum santo de origem nacional⁴⁹, mas onde, certamente, dezenas de milhares de pessoas têm o coração pronto para a sua visita. Você se disporia?

A ALMA DE MARIA⁵⁰

Talvez, como eu, você se tenha perguntado mil vezes: como é a alma de Maria? Como ela vê o mundo, as pessoas? Como se relaciona com Deus, com as pessoas, com o criado? Como sente? Como pensa? Como age? Como reage? Como medita? Como ora Maria?

Talvez, até você estranhe de estarmos utilizando o verbo no presente. Mas é que este é exatamente o primeiro segredo ao se contemplar Maria. Tem-se que utilizar sempre o presente: o Céu existe nela desde sua concepção. Hoje, é certo, ela está no Céu, de corpo e alma, ressuscitada, plena também em seu corpo do que ela aqui viveu plenamente. Mas como é, afinal, a alma desta que trouxe o Céu em si e nunca conheceu em sua alma nada que não fosse o próprio Céu?

Nós, que mal conhecemos nossa alma, nós a quem o acesso pleno à própria alma é impossibilitado pelo pecado, nós, a quem o acesso irrestrito ao próprio corpo, à própria história é barrado pela imperfeição, ousamos contemplar, amorosos, a alma de Maria.

Como isso só é possível se nos for dado do Céu, pelo poder do Espírito Santo, em uma partilha de sua intimidade com a Esposa, é a Ele que devemos pedir licença para penetrar neste santuário incomparável. Somente Ele, também, poderá ser nosso guia. O recato de Maria, sua vida interior tão rica quanto reservada, o fato de que ela só ama, não permitiria que ela mesma fosse nossa guia. Maria não caminha no interior de si mesma: caminha no interior de Deus, em quem vive.

Este é o primeiro aspecto a ser contemplado: nada há em Maria que seja ela mesma. Ela é toda ela mesma, certamente, em seu corpo e alma. No entanto, não é nela que se encontra a ela própria, pois ela não vive em si nem para si. Vive toda em Deus e para Deus. No outro e para o outro. Se se quiser encontrá-la, portanto, é Nele que a encontramos. Esta é a primeira coisa a aprender: só é plenamente, só é verdadeiramente quem se é quando não se é para si e não se é em si.

Ao buscarmos a alma de Maria, sua vida interior, seu íntimo mais íntimo, não a encontramos. Encontramos Deus. Encontramos o homem, cada homem, todo homem. Encontramos a vontade de Deus mais plenamente pura – e, portanto, mais plenamente escondida, misteriosa, desafiante – e mais radicalmente obedecida. Encontramos um universo sem fim de corações de homens guardados em seu coração.

Ao ser visitada por Gabriel, ao receber os pastores, ao acolher os magos, ao ouvir Simeão, Maria não arquiva palavras e fatos em seu coração, como eu faço facilmente com as palavras que escrevo, arquivando-as na memória de meu computador. Maria não arquiva fatos, frases, constatações, acontecimentos em sua memória. Maria guarda mistérios em sua alma, em seu coração. Guarda-os, como se entesoura coisas preciosas: atentamente, amorosamente, cuidadosamente, respeitosamente. Guarda o mistério da vontade de Deus, guarda o mistério da alma de cada pessoa, da sua e da minha.

Buscamos a alma de Maria e encontramos Deus. Buscamos seu coração e encontramos o homem. Buscamos seu íntimo e encontramos amor. Por isso não a encontramos. Ela não existe senão em Deus e nos outros. É a mulher-amor, a toda graça, a toda de Deus, a nada dela mesma.

É difícil evitar um sorriso complacente quando a gente vê pessoas que se querem vestir como Maria, caminhar como Maria, agir como Maria, amar como Maria. Teriam que vestir- -se de sol, pois era Maria quem dava sentido ao que vestia, e não o contrário. Teriam que caminhar para dentro de si mesmos, onde habita Deus, pois o caminho de Maria não é para realizações exteriores, mas interiores. Teriam que agir sem agir, entregues, abandonados, pois, em Maria, quem faz toda a Obra é Deus. É Ele quem a direciona a agir para que o amor seja implantado, sempre. E, como o amor é pequeno, sempre pequeno, sempre loucamente perdido em Deus e nos outros, ao quererem amar como Maria teriam que, literalmente, desaparecer, sumir, diminuir até ser nada e Deus ser tudo.

Tenho para mim – cá com meus botões mais íntimos – uma intuição que João, o Batista, conheceu muitíssimo bem a alma de Maria. Foi por meio dela que sua alma foi purificada ainda no seio de Isabel. Os dois, a partir de então, desenvolveram uma cumplicidade única sobre a terra: a vida – para ela desde a concepção, para ele desde os seis meses de gestação – livre do pecado original.

Cúmplices, os dois desapareceram e deixaram aparecer quem amavam. Deixaram aparecer quem interessava. Cederam todo o seu espaço interior e exterior para Aquele de quem eram mediador e medianeira e, ao amar, sumiram, desfizeram-se em amar, consumiram-se em não ser para si e em si para serem para Ele e Nele: o Menino, o Cordeiro, a Criança de Deus.

Maria é, então, uma despersonalizada, uma pobre coitada, pouco brilhante, sem expressão, indefinida? Quem ousaria pensar tal coisa?!? Ninguém há que seja tão ela mesma. Ninguém que seja tão feliz. Ninguém que tenha tamanho brilho. Ninguém que tenha influenciado tanto a humanidade afora Jesus, o Filho, para quem ela é toda.

A alma de Maria é Jesus. É o Pai. É o Espírito. A alma de Maria é a Trindade em permanente relacionamento de amor. Maria é feita e se faz amor e amar. Dá-se em tudo e sempre. Porque não busca a si mesma encontra-se plenamente. Porque não busca a própria realização realiza-se profundamente. Porque não se dá descanso, é paz. Porque faz sua a vontade do Pai, ainda que só a conheça como mistério, é inteiramente livre e feliz.

A alma de Maria. Maria. A que é porque não é. A que existe em Deus que é seu habitat. A que se faz tão ampla, tão aberta, tão plenamente o outro que nela só há espaço de abertura e acolhida; nela, o paraíso de Deus; nela o paraíso dos homens; nela o não aparecer para que só Deus seja visível; nela o não falar para que só Deus seja Palavra, nela o abandono para que em tudo se faça, plenamente, a vontade de Deus, para a Sua felicidade, para a felicidade do homem.

Quem tem amor assim, este conhecerá a alma de Maria, paraíso de Deus, paraíso do homem. A esta alma, só o amor conhece, só o amor a Deus e aos homens toca e maravilha-se com o mistério escondido no não ser para ser plenamente, no perder-se em amor para que o Amor seja tudo em todos.

**A você, diácono João Paulo, a você, padre João,
meus filhos queridos, cúmplices do Batista,
dedico este artiguinho.**

ROSTO NOVO DA HUMANIDADE⁵¹

*Quando a luz é treva
E desfalece o homem,
Guardião da cidade,
Eis que tu revelas,
Mulher conhecida somente de Deus,
Um rosto novo da humanidade.
Tua presença destruiu
As tiranias do mundo
Em nome de um só amor:
Paixão que te faz forte,
Livre para teu Senhor,
Na plena união com o Espírito.
Tua presença é um canto,
É a esperança nova
De um povo sem norte:
Sabedoria que ilumina,
Mulher que pacifica
E reanima a fé sem nada romper.*

Encontrei este hino no *Magnificat*, um livreto para a liturgia diária da Igreja da França.⁵² Faz parte das Laudes adaptada para o pouco tempo dos leigos que ele propõe para cada dia. Estava, justamente, pedindo a Deus que me iluminasse para escrever sobre Maria de uma forma nova, acessível a todos, e, especialmente, eficaz. Assim, o hino veio mesmo a calhar. Fala da humanidade e de cada homem. Fala de Maria e de sua missão não somente para com Deus, mas também para com a humanidade.

É comum e até repetitivo, certamente por falta do hábito de contemplar a ação de Deus em sua Mãe, ler e ouvir falar da missão de Maria com relação a Deus: sua concepção sem pecado, sua concepção pelo Espírito Santo, sua maternidade divina, sua virgindade antes, durante e após parto, seu fiat, seu serviço a Deus como mãe do Filho, sua obediência, sua fidelidade até o fim e tantas coisas mais que se diz, pensa e reza sobre o inesgotável mistério da Mãe de Deus, Mãe do Verbo Encarnado.

Mas, e sobre sua missão quanto à humanidade e quanto a nós, quanto à nossa humanidade concreta, com nome e sobrenome? Diz o Magistério que a formação da humanidade é a base para toda formação espiritual. Como Maria influi e forma nossa humanidade? O que é ela para nós? Como ela pode nos ajudar a ser os homens e mulheres que a Trindade sonhou?

Normalmente se fala das virtudes de Maria – e são tantíssimas! Ao falar-se delas, porém, de suas perfeições e de seu elevado número, tende-se a deixar Maria tão longe de nós, tão distante de nossa limitação que a tendência é desanimarmos, sentindo-nos incapazes, distante da única que pode possuir tantas, tão altas e tão perfeitas virtudes.

Para obter as virtudes de Maria, ainda que no pequeno número e no nível de imperfeição que nossa limitação impõe, antes de imitar Maria, urge contemplar Maria, ou melhor, contemplar as maravilhas de Deus em Maria, como ela mesma faz e orienta em seu Magnificat.

Por isso este hino atrai: fala da ação misteriosa da presença de Maria no meio da humanidade; da vital diferença que faz sua presença no meio dos homens, com relação a eles e com relação a Deus. Na Trindade, o Pai contempla a humanidade de seu Filho e, nele, a humanidade de Maria elevada à perfeição da obediência de amor. O Filho contempla a humanidade de Maria como mãe e como discípula perfeita. O Espírito a contempla como a criatura mais dócil e aberta à sua ação, como a pessoa humana que mais perfeitamente participa do amor de doação e acolhida da Trindade. A Igreja a contempla em uma série de títulos, entre os quais aquela que é o fruto por excelência do amor de Deus, chamado misericórdia aqui na terra, para que a misericórdia seja chamada amor no Céu⁵³.

Através de Maria, que, mesmo elevada ao Céu, não abandona sua missão de acolher a Misericórdia em si mesma e ministrá-la sobre a humanidade, o amor de Deus não cessa de revelar-se na história da Igreja e da humanidade⁵⁴. Concretamente, isso significa que podemos recorrer a ela para bem acolhermos os frutos da salvação. Mais que um modelo, então, Maria torna-se uma mãe, uma mulher a quem recorrer, uma despenseira da graça da salvação, especialmente quando nos encontramos mergulhados no mal moral (o pecado) e físico. Sua ação na economia da graça perdura sem interrupção, como afirma a *Lumen Gentium*, 62. Se Deus confiou à mulher o homem, como afirma João Paulo II em A missão e vocação da mulher, podemos imaginar o nível de graça derramada sobre Maria para que bem exerça sua missão de mulher e mãe de todo e cada homem pelos séculos sem fim, não somente enquanto esteve aqui na terra, mas por toda a eternidade, uma vez que os dons de Deus são irrevogáveis e ela está ressuscitada.

Diz o nosso hino:

*Quando a luz é treva
E desfalece o homem,
Guardião da cidade,
Eis que tu revelas,
Mulher conhecida somente de Deus,
Um rosto novo da humanidade.*

Posso contemplar a Trindade que por sua vez contempla constantemente a humanidade desfalecida de hoje, tão guardiã de si mesma, tão cheia de si, tão indiferente a Deus e vê-la encher-se de alegria ao contemplar Maria, o rosto novo da humanidade redimida, completamente entregue a Deus, inteiramente rendida a Ele, paraíso em que Ele se sente inteiramente à vontade, como diz São Luis Grignon de Montfort.

Posso contemplar a humanidade, a mim e a você, que, desfalecida e desiludida com sua autossuficiência, ou, pior ainda, presa de suas ilusões, tem em Maria seu novo rosto. Rosto que substitui o orgulho pela humildade, a autossuficiência por abandono confiante, a fé em si mesmo pela fé incondicional em Deus. Conhecida somente de Deus, ela desenha no coração do homem o amor e a obediência que o fará conhecido Dele⁵⁵. Para tanto, muito mais que esforçar-se por imitá-la, o que está acima de nossas forças, cabe contemplar este Rosto Novo e, por ele, colher a graça que constantemente o renova. Mais que força de vontade, trata-se de oração, de contemplação, de acolhida, de silêncio.

*Tua presença destruiu
As tiranias do mundo
Em nome de um só amor:
Paixão que te faz forte,
Livre para teu Senhor,
Na plena união com o Espírito*

Creemos, realmente, que a presença de Maria na humanidade destruiu as tiranias do mundo? Creemos, realmente, que sua concepção imaculada, ao possibilitar a encarnação do Verbo, inaugurou em sua pureza e pequenez, a época em que seria destruída tirania do Inimigo? Conseguimos ver este minúsculo pezinho, no seio de Ana, a pisar a serpente em nome do Amor que se faz Misericórdia?

Em Maria, o amor de Deus é paixão. Nela, pela primeira vez, o mundo conhece a chama apaixonada do amor esponsal, que não mede consequências no amar, aparente fraqueza que a faz forte e livre; que a cria e a torna exclusiva de Deus, forte pelo Espírito inflamador das almas e livre para unir-se a Ele como Esposa.

É preciso contemplar em Maria esta obra inflamadora do Espírito, obra que, como o fogo, liberta sua humanidade de toda escravidão; como o fogo, fortalece e torna firme o que foi purificado; como fogo une e torna uma só coisa. Maria não foi inflamada de amor esponsal somente no Magnificat, mas em cada segundo da vida terrena e eterna. É a mais perfeita chama de amor a Deus da parte dos homens e, depois de seu Filho, a mais perfeita flama de amor de Deus para com os homens.

*Tua presença é um canto,
É a esperança nova
De um povo sem norte:
Sabedoria que ilumina,
Mulher que pacifica
E reanima a fé sem nada romper.*

Maria está presente. Quer pensemos nela, quer a esqueçamos. Nosso esquecimento ou lembrança não afetam a missão a ela confiada pela Trindade. Ela continua presente, como mãe, como um canto contínuo que serve de fundo à nossa vida, um canto contínuo da humanidade a Deus, ainda que esta esteja distraída, desiludida, esquecida dele. Em nome desta humanidade esquecida de Deus, ela é sempre presença de louvor e entrega obediente; seu Magnificat jamais cessou, jamais cessará.

Maria, sempre presente, é esperança renovada, é sabedoria que ilumina, é Mulher que pacifica nossa humanidade cuja desesperança vem da opção pelas trevas. É mulher que pacifica porque reanima a fé, a rendição livre e feliz à vontade de Deus, que, como diz Bento XVI, nada nos tira, absolutamente nada. Nosso papa certamente contempla a ação desta Mãe que, ao fazer e fazer-nos fazer a vontade de Deus, une-nos a ela e reanima nossa fé como a luz que atravessa a vidraça sem nada tirar, sem nada romper.

Em seu ser mais profundo, inscrito em sua humanidade inteira, esta Rainha da Paz não traria impressa a memória sempre viva e atuante da luz que a atravessou como a uma vidraça e, sem rompê-la, fecundou-a com o Verbo? Certamente. Maria traz em todo o seu ser a presença viva da

graça da salvação, a mediação da Paz de forma incomparável. Mas sobre isso a gente fala em outra hora.

MARIA, FEMINILIDADE E ACOLHIDA⁵⁶

Partilho com você um pensamento belíssimo de Antonio Maria Sicari em seu livro *Ci ha Chiamati Amici – Laici e consigli evangelici*:⁵⁷ “*No momento em que Deus se avizinha do mundo, a feminilidade é chamada a representar toda a humanidade, toda a criação. A feminilidade é o lugar no qual a criação inteira se faz acolhida para Deus.*”

Sicari fala, evidentemente, de Maria. Maria é a Mulher, a Feminilidade acolhedora. Nela, a criação inteira acolhe a Deus.

Nossa visão reducionista restringe-se, muitas vezes, a olhar para Maria como Mãe de Jesus – e só dele; esposa de José – e só dele; Mulher da Galileia – e só dali. Esquecemos que tudo o que Deus faz em nós e através de nós atinge a humanidade inteira, a terra inteira, o universo inteiro, em todas as épocas passadas e futuras. Tudo o que Deus faz, na verdade, é absolutamente abrangente e absolutamente consequente. Nada é restrito a uma só pessoa, a um só lugar, a um só momento. Nada!

Maria é mulher. É A Mulher. Nela, a feminilidade passa a ser sinônimo de acolhida. Ela, que foi sumamente amada por Deus, vive para amar. Ela, que não conhece o “não” do egoísmo, do pecado, é toda “sim”, toda “fiat”, toda serviço a Deus e ao homem. Maria acolhe. Acolhe sempre, tanto a Deus como ao homem, irrestritamente. É a porta que o mundo abre a Deus.

Esta característica da feminilidade – a acolhida irrestrita – existirá ela ainda sobre a terra? Nós, mulheres de hoje, a quem nos esforçamos para nos assemelhar: à Eva do “não” restritivo a Deus e aos homens, ou à Nova Eva, a Maria do “sim” irrestrito a Deus e aos homens?

Em meio ao trânsito desumano, apertadas em ônibus lotados, estressadas pelo sai-e-para dos metrô apressados, carregadas pelo peso do horário, do salário, da responsabilidade, ainda dispomos de tempo e espaço para abrir os braços e corações para acolher alguém? Sempre ocupadas, apressadas, sobrecarregadas na mente e no corpo, disponibilizamos, ainda, espaço interior a ser ocupado por qualquer pessoa, qualquer uma?

Maria, em sua feminilidade, faz-se acolhida total a Deus em nome de todos os homens, de toda a criação. Tal missão, não é a de Maria de Nazaré, somente, mas de toda mulher, de todo o feminino. Não é à toa que João Paulo II e o então Cardeal Ratzinger declaram, com a força de documentos da Igreja, que à mulher Deus entregou o homem. A ela cabe humanizar a humanidade. Ela é o *ezèr*, o *socorro de Deus* para o homem, para cada homem, para todo homem. Isso, por causa de Maria, por causa do feminino de que Maria é o ápice.

A mulher foi criada para ser *ezèr*. Está lá bem claro em Gen 2, 18ss. Ela é o socorro de Deus que, em tradução inexata, transformou-se em auxílio eficaz. Também Maria foi criada para ser *Ezèr*. Como nenhuma outra mulher em nenhum outro tempo, ela foi e é o socorro de Deus para a humanidade. Condenados, prisioneiros, os homens necessitavam ser libertados, retornar à felicidade para a qual Deus os havia criado. Para salvá-los, para fazer-se homem igual a todo homem, embora sem deixar de ser Deus, o Verbo quis precisar de uma *ezèr* para fazer-se zigoto, embrião, feto, bebê, menino, adolescente, adulto, cadáver, ressuscitado. Criou, para isso, uma *ezèr*, um socorro de Deus para si mesmo, uma porta do mundo para Deus. As mães, não são elas

ezèr para que os filhos percorram este mesmo caminho do Verbo?

O Verbo se fez carne. Era Luz. As trevas o rejeitaram. Não o acolheram. Ela, porém, a Mulher, o acolheu, fez-se acolhida em nome de toda a humanidade, em nome de toda a criação visível e invisível, em nome de todos os tempos, de toda a eternidade. O fazer-se acolhida do Homem elevou Maria e, com ela, todos nós, acima do tempo, das contingências, dos limites humanos! Admirável poder este do “sim” que ecoa desde sempre e para sempre o único e eterno “Sim” do Filho! Admirável poder este do “sim” que abre a Deus as portas da terra!

Como mulher, fico a pensar que, pela vivência consciente de minha feminilidade, trago em mim a imensa responsabilidade deste “Sim” do Verbo, deste “sim” ao Verbo! Através de minha acolhida, hoje, o Verbo se faz carne! Minha acolhida ao homem, a todo homem, faz-me mais mulher e faz o homem mais homem. O simples fato de viver a acolhida inerente à minha feminilidade já me faz cumprir minha missão de humanizar o homem.

Imaginem um diálogo absurdo:

- Shalom, Maria, cheia de graça! O Senhor é contigo!
- Muito obrigada, mas agora não tenho tempo para ouvi-lo. Poderia chamar depois?
- Não temas, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus.
- Olha... até que gostaria, mas o José e eu precisamos primeiro fazer nosso pé de meia. Precisamos fazer o Mestrado e o PHD, fazer render o dinheiro na Bolsa, comprar um apartamento grande, para darmos a nosso filho o melhor, o que ele necessita para ser bem educado, bem esclarecido e rico. Queremos dar a ele mais do que tivemos, entende?
- Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono do seu pai Davi.
- Iiiiiihhhh! Esse menino vai dar muito trabalho! Criança em si só já dá trabalho. Um que vai ser grande, então, nem pensar! Não dá para ter trabalho, entende? Nem tenho tempo para isso, nem quero me acabar e deixar de curtir a vida. Se você ainda estivesse me oferecendo um bonzinho, quietinho, obediente, que não solicita muita atenção, poderia até pensar, mas esse tipo aí, especial, sinto muito, agora não dá.

Tão absurdo que até choca? Ou, pelo contrário, tão verdadeiro que até choca? A Anunciação não terminou. Perdura, a cada acolhida, por todos os tempos e para todos os homens e mulheres.

Pois é. Feminilidade e disponibilidade, feminilidade e acolhida se supõem. A mulher é feminina, é aquilo que foi criada para ser, na medida em que acolhe sem restrições, na medida em que se dá. Nesta mesma medida, a sexualidade humana exprime o milagre de uma matéria espiritual, invisível, porém real. Mais real que a sexualidade aprisionada no cárcere da matéria, pois esta se extingue e aquela permanece para sempre. Esta, desfigura a mulher – e, conseqüentemente o homem – na proporção em que pensa que feminilidade é charme, sensualidade e eficiência profissional.

Maria, a Mulher, a *Ezèr*, a Feminina, acolheu e fez-se mãe. De Deus! Acolheu e foi feita esposa. Do Espírito! Acolheu e foi feita mãe. Dos Homens! Acolheu e foi feita esposa. De José! Fez-se “sim” e acolhida em seu nome e no meu. Em nome da estrela mais longínqua e do átomo incandescente no ponto mais central da terra. Feminilidade e acolhida sem pecado, isto é, sem restrições, a elevam, e, nela, nos elevam.

Maria, a Mulher, a *Ezèr*, a Feminina, fez a terra acolher o Céu e o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Maria, a Mulher, a *Ezèr*, a Feminina, faz o Céu acolher a terra e o Homem, em quem foi criada Mulher, acolher em si todo homem. Nela, cada mulher será mais feliz e realizada

quanto mais for feminina, for *Ezèr*, porta da terra para acolher o Céu, porta do Céu para acolher a terra. Haverá missão mais sublime?

MARIA: TEMPLO ONDE DEUS E O HOMEM SE ENCONTRAM⁵⁸

Certa vez, li em um livro do Pe. Júlio Maria de Lombaerde que Maria é o templo onde Deus e o homem se encontram. Esta frase, como tudo o que traz a verdade, atingiu-me com impacto avassalador. Deus e o homem se encontram na Igreja e seus Sacramentos, naturalmente. No entanto, é em Maria que, física e misticamente homem e Deus se encontram, se amam, se conhecem.

Fico a pensar em Gênesis 3,15, quando, logo após o pecado original, Deus já pensou Maria como lugar de reconciliação entre Ele e o homem: “o pé da mulher esmagará a serpente”. Vem-me à mente Apocalipse 12 e sua descrição da guerra demoníaca contra a Mulher que traz no ventre o Filho de Deus e que o protege, vitoriosa.

Mais que em seu ventre, feito fecundo pelo Espírito, é em seu ser de mulher e de mãe, em seu espírito totalmente unido a Deus e a Ele rendido, que se dá o encontro entre Deus e o homem. Ventre e espírito, porém, neste caso, são inseparáveis. Antes de conceber em seu ventre, ensinamos João Paulo II, repetindo os padres da Igreja, Maria concebeu o Cristo em seu coração. Ao concebê-lo em seu ventre, abriu nossa humanidade para o encontro, a nós impossível, entre Deus e o homem.

O Filho se faz homem e encontra a humanidade de modo totalmente novo no seio de Maria. Nele, e Nela, dá-se o encontro novo entre nossa humanidade e Deus. Como fruto deste encontro, não seremos mais apenas imagem e semelhança de Deus, mas, no e pelo templo que é Maria, também nós templos da Trindade que nos habita substancialmente. Não mais seremos encontrados por um Deus que passeia no jardim ao cair da tarde, como em Gênesis, mas habitados pela Trindade que nos diviniza.

Maria é o templo onde se encontra Deus feito homem e o homem para que seja habitação de Deus e se torne semelhante a Ele pela graça e pela vivência da caridade de Cristo. Como viver fora ou longe dela este milagre que nos sustenta a vida dia a dia e que a cada dia nos santifica?

Gosto de meditar sobre este encontro bendito que me envolve e sela para sempre – a mim e a cada um de nós – meditando no encontro entre Maria e Isabel e entre Jesus e João Batista. Este encontro aponta o encontro de Jesus e o Discípulo em Maria, aos pés da cruz e, de certa forma, o precede. O último dos profetas, em Maria, encontra o Messias. O primeiro dos discípulos, em Maria, acolhe a Cabeça da Igreja.

Entre os impactos da graça que nos vêm por Maria, não poso deixar de narrar a impressão que me causou o ícone da visitação de Maria, escrito por Nertan Braga. Nossa Senhora, vestida como uma rainha, desce para servir Isabel como uma escrava. Sai apressadamente como uma mensageira cujos passos não se deixam atrapalhar pela larga e longa túnica e mantos reais. Vê-se, na realidade, não a partir da realeza com que Deus a revestiu, mas a partir da humildade com que Ele a escondeu em um coração de serva e mensageira da paz.

Corre, descendo as escadas, quase descuidada do Filho que traz em si, mais preocupada em

levá-lo que em mantê-lo, como que sabendo que leva-lo é a melhor forma de tê-lo. Vai servir a Isabel em sua gravidez e parto e servir ao Filho em seu anúncio e ministério da paz. Ao ouvir sua voz, Isabel fica cheia do Espírito Santo e João “rodopia” de alegria no ventre da mãe, a festejar a alegria da salvação, purificado do pecado original ainda como feto. Em Maria, o Filho e o Precursor se encontram e ela revive, agora de forma visível, a experiência da anunciação, na qual é pela primeira vez templo onde Deus e o homem não só se encontram, mas se tornam uma só Pessoa em duas naturezas.

O encontro único e indescritível, inexplicável e inefável que se dá na Anunciação repete-se na Visitação, na Visita dos Pastores, nas Bodas de Cana, na declaração de Jesus sobre sua nova família, aos pés da cruz, em Pentecostes. Sim, todo encontro entre o homem e Deus se dá em Maria, Mãe da Igreja, Esposa do Espírito, Rainha da Paz.

Purificado do pecado original, o Batista põe-se a anunciar o Messias e preparar as Bodas do Esposo e o sacrifício do Cordeiro. Por Ele, derrama todos os seus perfumes, dá a vida como discípulo, como nova família, como a dará à Igreja cheia do Espírito na nuvem de mártires que se seguiram a Pentecostes. Em todos esses eventos, o encontro se dá em Maria.

“O esposo está entre nós, há vinho novo para novos odres. Há uma nova lei, a lei da caridade, da misericórdia, da partilha, da unidade”, diz Maria, em Caná, com duas breves frases: *“Eles não têm mais vinho”* e *“Fazei tudo o que Ele vos disser”*. Nela e por ela, mais uma vez, dá-se o encontro entre o Esposo do Vinho Novo e a esposa empobrecida por sua falta.

“Minha mãe e meus irmãos são meus discípulos, somos uma nova família”, como que diz Jesus ao apontar seus discípulos enquanto sua Mãe o aguarda à porta. Novamente, o encontro se dá em Maria e por Maria.

“Filho, eis a tua Mãe”, diz a João, fazendo Maria Mãe da Igreja. “Entre eles encontrava-se Maria, a Mãe de Jesus”, a prepará-los para o novo encontro com o Ressuscitado pela vinda do Espírito Santo, Maria, mais uma vez, é o templo, o lugar de encontro entre Jesus e os homens. Assim o fora com Jesus recém-concebido, com Jesus menino e os pastores, que encontraram o “menino com sua mãe”. Assim fora com Jesus adulto e Mestre, com Jesus desfigurado e agonizante. Assim é com Jesus Ressuscitado e também hoje, com o Esposo e a Igreja.

Em Maria, como, embora em ínfima proporção deveria ser em cada mulher e em cada filho de Deus, dá-se o encontro entre Deus e o homem. Este é seu serviço constante ao Filho e à humanidade, sua vocação, seu ministério, parte integrante de sua identidade: ser local de encontro entre Deus e o homem, entre o homem e Deus. Não é nela, em sua Ascensão, que o homem, enquanto criatura, encontra-se no Céu com Deus?

Mas voltemos ao ícone, a esta Rainha que se faz escrava, a esta que recebeu a Boa Nova em seu ser e dela se faz mensageira. Voltemos à mulher vestida de rainha quase encoberta pelo Menino que traz no ventre e no coração e que desce apressada as escadas estreitas de sua casa, como a descer do Céu à terra, da majestade ao escravo. Como não ver nela nossa Rainha da Paz? Como não traria esta Rainha as características e quem acolhe e acolhe para se dar? Como ao reconhecer a Rainha que se faz serva e acolhe o Senhor para em seguida, apressadamente, correr a doá-lo pela doação simultânea de si? Não entenderia ela que, ao ser lugar de encontro, é preciso doar-se para doá-lo? Não seria ela discípula e missionária da paz, do Príncipe da Paz, ao promover o encontro essencial entre Ele e o homem? Não seria ela uma verdadeira Shalomita, a perfeita Sulamita que se doa inteiramente para que a humanidade e cada homem encontre, nela, o Príncipe da Paz, o Ressuscitado que passou pela cruz?

Tomei um grande susto ao contemplar pela primeira vez o ícone do Nertan, ao perceber que este ícone da Anunciação reproduz, de forma quase idêntica, exceto pelas cores, a postura, a

expressão e a pressa da Rainha da Paz que “vimos” em 85. É esta, discípula, missionária, lugar de encontro, nossa Rainha da Paz, que não hesita em fazer-se humilde escrava, serva escondida, para que brilhe o Rei e de Sua glória, como diz nosso fundador, não seja roubado um milésimo de milímetro qualquer.

SUTIL E NEFANDO DESRESPEITO⁵⁹

Outro dia, uma moção, durante uma oração comunitária, me levou a rezar e meditar sobre o que seria desrespeitar Nossa Senhora. Na ocasião, dizia-nos o Senhor que de forma sutil o inimigo nos levava a desrespeitar sua mãe. Desrespeitar e depreciar, porque magoar-se mesmo, mãe não se magoa. Apenas fica triste e logo esquece, empenhando todo o seu esforço em trazer de volta o filho que a desrespeitou.

Fiquei a matutar o que seriam esses ardis sutis ao ponto de ludibriar mesmo quem ama Maria. O que depreciaria Maria e, conseqüentemente fecharia as portas a muitas graças de Deus, inclusive a vivência adequada da masculinidade e da feminilidade? Eis a resposta que me veio:

Ignorar Maria, esquecidos de que a Trindade a amou desde sempre e a criou para que, segundo o seu “sim”, nela o Filho se fizesse homem e nos salvasse.

Desconhecer a profunda e bela teologia e espiritualidade da Igreja satisfazendo-se com um amor platônico à Mãe de Deus.

Desconhecer a bela e rica espiritualidade dos santos e sua intimidade com Maria, atendo-se a devoções superficiais e, por vezes até supersticiosas.

Dar ouvidos ao que propagam os não católicos sobre Nossa Senhora.

Ler livros que a apresentam de forma fantasiosa e contrária à doutrina.

Depreciar Maria em qualquer de suas virtudes e santidade ou em qualquer de suas características humanas.

Envergonhar-se de amar Maria como se isso fosse pieguice ultrapassada.

Desrespeitar a figura da mulher através de piadas e comparações indevidas.

Vestir-se inadequadamente sem levar em conta a pureza e a castidade, de uma forma que Maria não se vestiria.

Desrespeitar o corpo da mulher pela falta de castidade usando qualquer meio, inclusive o descompromisso nos relacionamentos, a violência física ou emocional, a propaganda e o desamparo legal.

Descuidar dos filhos e do esposo e não assistir à própria mãe idosa ou enferma.

Desrespeitar autoridades espirituais ou familiares femininas, desprezando-as de qualquer forma.

Criticar a Igreja, de quem Maria é Mãe e os sacerdotes, que são seus filhos prediletos.

Desrespeitar a vida de qualquer maneira, desde sua concepção ao seu ocaso natural, esquecendo-se que a Maria o Pai confiou a vida do filho.

Cometer aborto provocado ou pela propagação e ajuda direta ou indireta a esta prática.

Ofender a Deus de qualquer forma. Este é o maior dos desrespeitos à Maria, que deu sua vida para que, em Jesus, fôssemos salvos e a maior das dores que nela se pode provocar, uma vez que é uma destruição de nós mesmos, seus filhos amados.

Creio que, infelizmente, a lista seria interminável. Não há como não recordar Apocalipse 12, onde se descreve a luta do demônio contra a mulher. Sabemos que a Igreja vê nesta mulher a si

mesma e a Mãe do Senhor. Nada impede, porém, que a partir dela possamos deduzir o óbvio: ao atingir a Mãe, atinge-se toda a sua descendência e, por mais que ela o proteja, as consequências são terríveis e duradouras. Ao atingir a mulher – e hoje, a partir de nós, mulheres, ela é atingida de incontáveis

maneiras – atingimos a Mulher, a Mãe de todas as mulheres, que deveria ser inspiração e fonte de graça para todos nós.

Hoje, o dragão continua sua luta contra a Mulher. Diretamente e também através de toda mulher. Deus nos ajude a respeitar e amar a Mãe sem cair nas sutis armadilhas que o inimigo nos tem armado para privar-nos das graças de que ela é medianeira.

COMO É QUE A GENTE FAZ PARA SER COMO MARIA - (PARTE 1)⁶⁰

São incontáveis às vezes em que, rezando ou pensando, tentei saber como é que se é como Maria. Toda mulher de fé, na verdade, se pergunta isso repetidamente. Como é, afinal, ser como Maria?

Todas as mulheres hoje cinquentonas que tiveram a graça imensa de serem educadas na fé passaram por fases. Na infância, era preciso ser bondosa, calma, bem comportada e obediente para ser como a Mamãe do Céu. Ah! Era preciso também rezar ao acordar e ao adormecer. Maria nos era apresentada por um lado como modelo de comportamento e por outro como alguém imensamente superior a todos nós, exaltada em seus privilégios que não eram dados a mais ninguém. Era uma Mãe especialíssima, poderosíssima, a quem podíamos recorrer em qualquer situação. Era a Mãe do Céu.

Na adolescência, idade dos extremos, “Maria”, como a chamávamos com grande intimidade, era um ideal a perseguir. Qualquer visita que fazíamos a um enfermo, a uma criança abandonada já se transformava em uma verdadeira visitação e nos sentíamos, como se dizia na época, “as próprias”. Fazer um pequeno sacrifício ou renúncia nos levava àquele “ar marial” de quem mal pisa no chão. As raras exceções em que nos comportávamos como adolescentes abnegadas e silenciosas nos faziam dormir como as mais perfeitas imitadoras de Maria, ainda que no dia seguinte... Valha-me Deus! Maria era, para nós, Mãe de Jesus, Mãe de Deus e não eram poucas as discussões intermináveis que travávamos com os colegas evangélicos sobre este assunto.

Na juventude, algumas de nós fomos atingidas pela “onda” de que Maria era uma mulher igual à tantas mulheres sofredoras, pobres, de pés rachados pelo trabalho no campo, mãos ásperas e calejadas pelo cabo da enxada, pela roupa lavada à beira do açude barrento ou nas lavanderias da periferia. Não ser assim, para algumas, era sinônimo de não ser digna de ser como Maria. Virtudes? Para um bom número de nós, jovens dos anos 70, as virtudes de Maria, diferentemente da nossa infância e adolescência, não eram mais a bondade, a paciência, a castidade, a pureza, a mansidão, a humildade, mas a luta e a revolta. Maria tinha como virtude principal a luta revoltada pela justiça, pela igualdade social, contra as intempéries da vida, numa mistura de feminismo, materialismo e revolução que transtornou a muitas de nós, criadas para a vida, para a beleza do feminino e das virtudes evangélicas, que certamente incluíam a justiça e sua busca, mas excluía a revolta e a rebelião que alguns queriam estampar em Maria.

Com a idade adulta, aquelas que se abriram para a graça de Deus e os ensinamentos da Igreja, voltaram a desejar ser como Maria: Mãe e Mulher de Deus. Para quem teve a fé formada nessa fase, Maria era Mãe de Deus, Mãe dos homens, Mãe da Igreja. “Mãe do Redentor”, como ensinava João Paulo II, ciente de que separar Jesus e Maria no mistério da Salvação é separar a Cabeça do Corpo, uma vez que Maria é a Primeira Igreja.

A avalanche da segunda metade dos anos 70 e dos anos 80 nos pegou em plena adultícia. O mundo nos dizia que para ser mulher era preciso ser igual ao homem: no desempenho, no trabalho, na maneira de ver o mundo, na competência. A dignidade da mulher era, então,

confundida com produção e não com filiação divina, embora a Igreja gritasse a verdade na *Mulieris Dignitatem*. Como em geral não se divulga o que pensa a Igreja, novamente fomos levadas pela avalanche e, o modelo de mulher que nos era apresentado não mais era o de Maria, Virgem e Mãe.

A partir dos anos 90 foi crescendo a incredulidade, a indiferença religiosa, o individualismo, o sensualismo, o relativismo, que invadiram o século XXI propondo uma forma de ver o mundo e até de relacionar-se com Deus oposta, em muitos pontos, às virtudes de Maria: sua fé, esperança, caridade, fidelidade, lealdade, modéstia, castidade, pureza, maternidade universal, cuidado com o homem, anúncio do Evangelho, amor à verdade, total e confiante abandono em Deus. O resultado é que não somente nós, cinquentonas, mas também muitas das mulheres mais novas que nós, podemos ter perdido o referencial de Maria, capaz de nos salvar em todas as tempestades da história.

Você, mulher, neste mês de março, que lhe é dedicado, quer ser como Maria? Para isso, é preciso conhecer a alma de Maria, deixar de fora o acidental, centrar-se no essencial, viver com ela, nela, por ela, para ela. Descobrir o segredo da alma de Maria. O amor infantil à Mamãe do Céu, o ardor adolescente com relação à Mãe de Jesus não precisam morrer. Apenas amadurecer na busca honesta da verdade e do relacionamento pessoal e vivo, atual e real, com Maria. Basta pedir ao Espírito Santo: “Santo Espírito de Deus, dá-me a conhecer e amar Maria, minha Senhora, como a Trindade a conhece e ama”.

Em minha vida, Deus respondeu a esta oração quando a fiz pela primeira vez, nos anos 80, a bordo de um avião em plena madrugada. Esta resposta vem sendo alimentada pelo Segredo da Verdadeira Devoção à Virgem Maria, ensinada por São Luís Maria Grignon de Montfort. Envergonha-me dizê-lo, pois sei que alguns me conhecem bem e percebem que estou muito longe de viver esse segredo. No entanto, vale a pena me expor a este ridículo por amor a Maria (a culpa de minha infidelidade é minha, não dela!), por amor a você e à humanidade do nosso tempo que pode também encontrar o caminho para conhecer e viver o segredo de Maria e ser Mulher, Mãe, Irmã, Esposa, como ela e não como os falsos modelos que nosso século nos oferece.

Santo Espírito de Deus, dá-nos conhecer e amar Maria, Nossa Senhora, como a Trindade a conhece e ama!

COMO É QUE A GENTE FAZ PARA SER COMO MARIA - (PARTE 2)⁶¹

Oh minha Mãe, muito amada, apesar da minha pequenez, como tu, possuo em mim o Todo-Poderoso. Mas eu não temo ao ver minha fraqueza, pois o tesouro da mãe pertence ao filho. E eu sou tua filha, minha Mãe querida. Tuas virtudes, teu amor me pertencem. Desta forma, quando a hóstia branca desce ao meu coração, Jesus, teu Doce Cordeiro, pensa em ti repousar”.

Há semanas esta estrofe de um poema de Santa Teresinha não me sai do coração. A delicadeza e humildade de sua alma a fazem ousada quase ao desatino. Com muita tranquilidade, diz a Maria que, apesar de ser pecadora e pequena, traz em si, assim como ela, o Todo-Poderoso. Audaciosa, diz que não teme ao ver-se tão fraca, pois Jesus é o Tesouro da Mãe e ela bem sabe que o tesouro da mãe pertence a ela, que é filha.

Penso quão distante muitas vezes nos encontramos desta Mãe de Misericórdia, Mãe amada e zelosa pela santidade de todos nós. A intimidade entre Santa Teresinha e ela, tão patente nesta pequena estrofe, é tão rica de profundos ensinamentos espirituais e teológicos que bem podem nos servir para, como a santinha carmelita, considerarmos Maria mais mãe que rainha.

Sabemos que, pelo Batismo, todos nós trazemos em nosso interior a Trindade Santa. Tornamos “habitação da Santíssima Trindade”, lugar onde vivem e agem o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Cada um de nós é, portanto, um sacrário vivo da Trindade. Teresinha, porém, não utiliza o verbo “habitar” ou “trazer” como o Catecismo. A certeza do amor de Deus por ela a faz ousada a ponto de comparar-se com a Mãe de Deus e dizer que, tal como ela, “possui” o Todo-Poderoso.

A posse que o homem tem de Deus, verdade tão bela quanto intangível, se deve, naturalmente, à graça de Deus que se dá a nós a ponto de nos deixar possuí-lo. É uma posse de entrega total de si, por amor. É este o testemunho da Palavra, do Gênese ao apocalipse. É este o testemunho e ensinamento da Igreja, este o testemunho dos místicos e mártires: o Deus Todo-Poderoso se dá constante e inteiramente a todos os homens e a cada homem e com o homem deseja relacionar-se a tal profundidade e com tal amor que ambos se possuam. Tal posse não depende de nossos méritos, mas é dom gratuito da Misericórdia de Deus. Tem, portanto, razão, santa Teresinha, quando afirma que possui o Todo-Poderoso assim como Maria O possui.

Como parte do tesouro da Mãe, o amor de Maria dá à filhinha, além do próprio Jesus, seu amor e suas virtudes, a tal ponto e com tal perfeição que, quando Teresinha o comunga, o “Doce Cordeiro de Maria” crê repousar no seio da Mãe.

O quanto peço ao Senhor que eu e cada um dos seus filhos, no meio da correria do nosso dia a dia, onde tantas coisas parecem mais importantes do que Deus, possamos dedicar nosso tempo e, principalmente, todo nosso ser, para orar como Teresinha e, por meio da Mãe, encontrar e possuir este Doce Cordeiro que se entrega a nós em cada Eucaristia!

UMA COISA QUE DÁ DÓ⁶²

Se há uma coisa que dá dó é ver a pouca devoção do povo do Norte e Nordeste do Brasil por Nossa Senhora da Conceição Aparecida! Entre várias explicações, uma se ressalta: o desconhecimento. É mais fácil encontrarmos alguém que nos narre detalhes das aparições de Nossa Senhora na Europa do que a singela história do Vale do Paraíba, bem ali, em São Paulo. E, no entanto, ai de nós, ai do Brasil se não fosse essa Senhora milagrosamente aparecida!

Pouca gente sabe, mas nos meados do século XVII, D. João VI, antes mesmo de conhecer o Brasil já o consagrara a Nossa Senhora da Conceição. Dessa forma, quando a Imaculada foi encontrada pelos pescadores nas águas do Rio Paraíba, colheram a resposta do Céu a essa consagração. É bonito ver que a consagração precede o encontro da imagem. É, aliás, o único caso desse tipo de que se tem notícia: o Céu confirmando de modo visível, iconográfico, uma consagração. Foi Deus dizendo: “Sim, aceito a consagração deste país!” Talvez por isso D. Aloísio Lorscheider fizesse tanta questão de que se chamasse a imagem milagrosa com seu nome completo: “Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida”.

A história da imagem da padroeira do Brasil foi assim: 1717, o governador recém-eleito da província de São Paulo passaria por povoado próximo ao rio. Era dia de abstinência e as autoridades municipais, aflitas por comemorar e alimentar toda a comitiva, pediram a todos os pescadores que se esmerassem na busca de peixes. Já no rio, os pobres homens se entreolhavam e meneavam a cabeça, desolados. Muitas canoas, muitos pescadores, mas... nada de peixe!

Ao puxar a rede, vazia de peixes, um deles percebeu que havia “pescado” o corpo de uma imagem. Era de terracota cinza-azulada. Tinha um anjo e a luz sob os pés, mãos postas, um cordão à cintura, mas não tinha cabeça. Os três pescadores dessa canoa remaram, então, alguns metros e, jogando novamente a rede, “pescaram” nada além de uma cabeça que se encaixou perfeitamente no corpo da imagem. Era a Imaculada Conceição. A partir desse momento, os peixes passaram a pulular ao redor das várias canoas no que foi considerado por todos uma pesca milagrosa, aos gritos de “Milagre, milagre da santa!”

Levada para a casa de um dos pescadores, logo “a santa” – somente depois souberam que se tratava de Nossa Senhora da Conceição – começou a ser venerada da forma simples da gente da terra, com terços e novenas. Os milagres se sucediam e da pequena capela tosca construída para abrigá-la passou-se para uma igreja que, não contendo mais o povo, deu lugar a uma outra maior, que logo ficaria também pequena.

Por essa igreja passaram pessoas ilustres da nossa história. D. Pedro I, preocupado com a tensa situação política do nosso país, no dia 22 de agosto de 1822 orou aos pés da santa pedindo-lhe luzes que solucionassem a tensão. Quinze dias depois proclamaria a independência do Brasil em local não muito distante.

Anos depois, passaria por ali ninguém mais ninguém menos que a Princesa Isabel e seu marido, o Conde D’Eu, que suplicaram àquela que era conhecida como “Aparecida” a graça de ter filhos. Na ocasião, ofertou a Nossa Senhora um manto com 22 diamantes. Um para cada província do Brasil e um para a capital. Cinco anos depois, o casal voltaria com seus três filhos,

frutos da graça pedida. A oferta, dessa vez, foi uma coroa de ouro puro cravejada com 44 diamantes.

Foi com essa coroa que se deu a coroação oficial da imagem por ordem de Pio X. Seu sucessor, Pio XI, a decretou como Padroeira Maior do Brasil em 1930. Em 1931 deu-se a celebração oficial dessa maternidade e proteção celestes no Rio de Janeiro, com mais de um milhão de pessoas.

Milagres de Nossa Senhora da Conceição Aparecida? Temo-los aos montes! O que nos falta, certamente, é ultrapassar a ignorância sobre nossa Padroeira e crescer no amor por ela nesses difíceis tempos do século XXI em que nosso país, como a maioria da humanidade, precisa do milagre de ser purificado, imaculado de tantas manchas causadas pelo afastamento da vivência evangélica por parte de seus filhos, suas leis, seus planos.

“Inúmeras vezes ouvi o Beato João Paulo II rezar a meia voz: ‘Maria, Shalom!’”
*Dr. Marcello Bedeschi, presidente da Fundação João Paulo II para a Juventude, durante
Convenção Shalom 30 anos . Roma, 2012.*

NOTAS

[1]. Palestra proferida por Moysés Louro de Azevedo Filho, em Quixadá, no I Congresso Mariano Nacional, em 1997. Publicada na Revista Shalom Maná n. 62, maio de 1997. Mantido o tom coloquial.

[2]. Palestra proferida por Moysés Louro de Azevedo Filho, em Quixadá, no Congresso Mariano Nacional, em 1999. Publicada na Revista Shalom Maná n. 78, julho de 1999. Mantido o tom coloquial.

[3]. Testemunho de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993.

[4]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná n. 10, maio de 1989.

[5]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993.

[6]. ALVAREZ DE MIRANDA, Pe. Fernando Maria, S.J. De Maria nunca basta. S. Paulo: Ed. Loyola, 1988, p.23.

[7]. PAREDES, José C. R. Garcia. A verdadeira história de Maria. S. Paulo: Ed. Ave Maria, 1988, p.29.

[8]. Paulo II, João. Redemptoris Mater. S. Paulo: Ed. Paulinas, 1988.

[9]. IBID, idem

[10]. IBID, p.32

[11]. IBID, p.30

[12]. IBID, p.30

[13]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993.

[14]. PAREDES, José C. R. García. A verdadeira história de Maria. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1988, p.15.

[15]. IBID, p.17

[16]. Paulo II, João. Redemptoris Mater. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.

[17]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993.

[18]. PAULO VI. Exortação Apostólica sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Ed. Paulinas, 1981.

[19]. PAULO II, João. Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Christifidelis Laici. 5ª. edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990, p.186

[20]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26,

maio de 1993.

[21]. PAREDES, José C. R. García. A verdadeira história de Maria. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1988, p.36.

[22]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993.

[23]. PAREDES, José C.R. Garcia. A verdadeira história de Maria. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1988, p 37 e 38.

[24]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993.

[25]. ALFARO, Juan. Maria, a bem-aventurada porque acreditou. S. Paulo: Ed. Loyola, 1986, p.15.

[26]. PAREDES, José C.R. Garcia. A verdadeira história de Maria. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1988, p.20.

[27]. Ibid, p.23.

[28]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993.

[29]. MIRANDA, Alvarez de, S.J. De Maria nunca basta. São Paulo: Ed. Loyola, 1988, p.19.

[30]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993.

[31]. Lc 1, 49

[32]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993

[33]. Lc 1, 47

[34]. Lc 1, 48

[35]. Lc 1,48b-49

[36]. Lc 1, 50

[37]. Lc 1, 51

[38]. Lc 1, 53

[39]. Lc 1,54

[40]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993

[41]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, especial, n. 26, maio de 1993

[42]. PAREDES, José C. R. Garcia. A verdadeira história de Maria. S. Paulo: Ed. Ave Maria, 1988, pg. 91.

[43]. IBID, idem

[44]. IBID, idem

[45]. IBID, idem

[46]. IBID, idem

[47]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná n. 96, janeiro de 2001.

[48]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, seção Entrelinhas, n. 139, dezembro de 2004.

[49]. O artigo foi escrito em 2004, antes, portanto, da canonização do primeiro santo brasileiro, São Frei Galvão, em 2007, pelo Papa Bento XVI.

[50]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná n. 141, fevereiro de 2005.

[51]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná n. 152, fevereiro de 2006.

[52]. Magnificat, n. 158, p. 51

[53]. Cf. A Misericórdia Divina, III, 7,8,9

[54]. Idem, parágrafo 9

[55]. Cf. Mt 7, 23

[56]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná n. 163, janeiro de 2007.

[57]. Em português: “Chamou-nos amigos – leigos e conselhos evangélicos”.

[58]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná n. 174, janeiro de 2008.

[59]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, seção Entrelinhas, n. 175, fevereiro de 2008.

[60]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, seção Entrelinhas, n. 176, março de 2008.

[61]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, seção Entrelinhas, n. 177, abril de 2008.

[62]. Artigo de Maria Emmir O. Nogueira, publicado na revista Shalom Maná, seção Entrelinhas, n. 231, outubro de 2012.

Table of Contents

EXPEDIENTE

Epígrafe

Introdução

Capítulo 01

Maria, a Fé e o Espírito Santo

Capítulo 02

Maria, Mãe de Deus, Ícone da Paternidade Divina

Capítulo 03

Maria em minha vida

Capítulo 04

Uma Mulher vestida de sol

Capítulo 05

Maria, a Theotókos

Capítulo 06

Maria, a Kecharitomene

Capítulo 07

Maria, a Estrela da Evangelização

Capítulo 08

Maria, Mãe do discípulo amado

Capítulo 09

Maria nos Atos dos Apóstolos – Maria, a Mãe da Igreja

Capítulo 10

Anunciação: o Mistério da obediência da Fé

Capítulo 11

Maria, a Mãe solícita

Capítulo 12

Os Dogmas Marianos

Capítulo 13

Orações Marianas 1 O Magnificat

Capítulo 14

Orações Marianas 2 A Ave Maria

Capítulo 15

Orações Marianas 3 Salve, Rainha!

Capítulo 16

O mundo consagrado a Maria

Capítulo 17

Se eu fosse Nossa Senhora...

Capítulo 18

A alma de Maria

Capítulo 19

Rosto novo da humanidade

Capítulo 20

Maria, feminilidade e acolhida

[Capítulo 21](#)

[Maria: templo onde Deus e o homem se encontram](#)

[Capítulo 22](#)

[Sutil e nefando desrespeito](#)

[Capítulo 23](#)

[Como é que a gente faz para ser como Maria - \(Parte 1\)](#)

[Capítulo 24](#)

[Como é que a gente faz para ser como Maria - \(Parte 2\)](#)

[Capítulo 25](#)

[Uma coisa que dá dó](#)

[Notas](#)